

Airoso e castiço. Sobre o adjectivo castelhano em português (1488 – 1728)

Fernando Venâncio

Universidade de Amsterdam (Holanda)

fmvenancio@hotmail.com

Recibido o 11/04/2013. Aceptado o 10/07/2013

Airoso and castiço. On Castilian adjectives in Portuguese (1488 – 1728)

Resumo

Numerosos adjectivos de origem castelhana, produtos de derivações internas do idioma de Castela, foram importados pelo português. Eles são encontráveis, sobretudo, na escrita de portugueses bilingues e em traduções de originais castelhanos. O intenso contacto, nos séculos XVI e XVII, com o castelhano lido e ouvido impulsionou essa incorporação lexical. O presente estudo, que acompanha esse fenómeno entre 1488 e 1728, identifica cerca de 380 adjectivos nestas condições. É esse, também, o período de maior influência do léxico castelhano sobre o português. Em contraste com esse cenário, o aproveitamento de criações adjectivais portuguesas pelo castelhano foi sempre residual. Assinale-se, contudo, que a importação lexical portuguesa estava desvinculada de qualquer adesão política a Castela. Poderia, mesmo, inscrever-se num projecto português de hegemonia peninsular, que, conscientemente ou não, pressupunha um idioma apto a funcionar 'ibericamente'.

Palabras chave

Léxico, semântica, contacto de línguas, castelhanismo, lusismo, português clássico

Sumario

1. Notas preliminares. 2. Criações castelhanas, supostos latinismos. 3. Os mecanismos da transferência. 4. Casos exemplares. 5. A história das formas. 6. Alguns domínios peculiares. 7. Anterioridades portuguesas. 8. Um português criativo. 9. O castelhano como vernáculo. 10. Um problema cultural. 11. Anotações finais.

Abstract

A large number of adjectives of Castilian origin, products of internal derivation processes within Castilian, were borrowed into Portuguese. They can be found especially in the writings by Portuguese bilinguals and in translations of Castilian originals. Such lexical incorporation was driven by intense contact with written and spoken Castilian during the 16th and 17th centuries. The present study, which examines this phenomenon between 1488 and 1728, identifies around 380 adjectives of this kind. This coincides with the period of greatest lexical influence of Castilian on Portuguese. On the other hand, use of Portuguese adjectival creations in Castilian has always been residual. It must nevertheless be stressed that Portuguese lexical borrowing was by no means linked to any political subordination to Castile, and might even be envisioned as part of a Portuguese project of peninsular hegemony which, consciously or not, assumed a language apt for use across Iberia.

Keywords

Lexicon, semantics, language contact, Castilianism, Lusism, classical Portuguese

Contents

1. Preliminary notes. 2. Castilian creations, supposed Latinisms. 3. Transfer mechanisms. 4. Illustrative cases. 5. History of the forms. 6. Some special domains. 7. Portuguese precedents. 8. Portuguese creativity. 9. Castilian as a vernacular. 10. A cultural issue. 11. Concluding comments.

1. NOTAS PRELIMINARES

1.1. O objecto de estudo

O ambiente crescentemente bilingue da elite intelectual portuguesa a partir de meados do século XV entende-se plenamente. Na corte, o castelhano torna-se, então, idioma veicular. As leituras dos portugueses de obras de espiritualidade são predominantemente em castelhano, e as obras linguísticas de referência acham-se também nessa língua. Os poetas portugueses exprimem-se, com naturalidade, em ambos os idiomas. O contacto auditivo com o castelhano faz-se habitual: pregadores, confessores, ensinantes de língua castelhana percorrem Portugal, e mais tarde virão as companhias de teatro. A música que se canta em cerimónias de culto é, ainda em inícios do século XVIII, predominantemente castelhana. Em suma: a elite portuguesa sabe exprimir-se em castelhano, e a convivência com o idioma vizinho é geral entre a população.

Nestas circunstâncias, o aproveitamento de recursos lexicais castelhanos pelo português pôde tornar-se um fenómeno estrutural. O seu estudo é de fundamental interesse para uma História da Língua, e sobretudo para uma, jamais empreendida, História do léxico português. Em artigo anterior, fiz uma prospecção aos *deverbais regressivos*, tendo identificado cerca de 300 de fabrico castelhano que, desde 1500, vieram sendo integrados no português (Venâncio 2012). Remeto para esse trabalho em matéria de conceitos, opções metodológicas e contextualização histórica, social e cultural. A presente investigação examina a transferência de *adjectivos* castelhanos para o português, e concentra-se no período que vai de 1488, ano da primeira obra impressa em Portugal, até 1728, ano da conclusão do dicionário de Rafael Bluteau. A identificação desses adjectivos permitiu a recolha de cerca de 380 formas, então entradas nos hábitos portugueses. Este privilegiar do adjectivo é, já de si, opção esperavelmente produtiva. Segundo Dworkin (2002: 423), "52% de los cultismos renacentistas de la lengua poética son adjectivos". E, de facto, as formas reunidas são predominantemente cultas.

Indicaremos ainda a) uma dezena de formas castelhanas que, passadas ao português, não tiveram êxito nele, b) formas que surgiram em português, e só posteriormente em castelhano, duas das quais, *mimoso* e *pasmoso*, se instalaram nos hábitos castelhanos, c) criações adjectivais portuguesas, originadas em vocábulos importados do castelhano, e d) alguns dos adjectivos portugueses patrimoniais com primeira documentação no período.

1.2. Recursos bibliográficos

Na elaboração deste trabalho, foram de utilidade várias bases de dados lexicais, indicadas na bibliografia final, com destaque para o *Vocabulário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, de José Barbosa Machado, o *Corpus del Español*, de Mark Davies, o *Corpus do Português*, de Mark Davies e Michael J. Ferreira, assim como o *Corpus diacrónico del español* da Real Academia Espanhola. Lexicografia actual de referência são os dicionários *Houaiss* e *Porto Editora*.

Para o estudo do período anterior a 1488, foram valiosos tanto o *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval*, de António Geraldo da Cunha, como o *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* e o *Dicionário de dicionários do galego medieval* do Instituto da Língua Galega.

Foram analisadas bastantes obras portuguesas não constantes do *Corpus* de Davies/Ferreira. Serão indicadas, embora não exaustivamente, na bibliografia. Um bom número dessas obras está disponível na página da Biblioteca Nacional de Portugal (www.purl.pt). Vários outros títulos foram examinados, mas não tidos aqui em conta, ao não conterem estreias adjectivais.

Bastantes das obras estudadas só foram objecto de impressão após o período aqui em apreço. Tal circunstância não foi, neste contexto, determinante, ao serem, elas também, testemunho

duma circulação lexical no período. Citem-se duas da maior relevância, ambas salvas *in extremis*. O extensíssimo manuscrito de *Historia de Japam*, de Luís Fróis, composta em finais de Quinhentos, foi descoberto, em Macau, no século XIX. Uma parte importante da obra recupera cartas de Fróis escritas desde 1552, algumas das quais editadas na época. Por sua vez, *Desengano de perdidos* (1573), de Gaspar de Leão Pereira, longo tratado apologético impresso em Goa, de que resta hoje um só exemplar, foi descoberto por Eugenio Asensio na Biblioteca Nacional de Madrid nos anos de 1950.

Tudo isto ilustra a genérica precaridade das datações lexicais. Mas a experiência do investigador foi, até hoje, a de que o exame de novas obras, podendo fazer recuar datações portuguesas, não afecta a cronologia no ponto aqui essencial: a da sistemática anterioridade das formas castelhanas.

Uma anotação a propósito. Uma obra lexicográfica não constitui, em si mesma, um catálogo de primeiras ocorrências vocabulares. Contudo, à falta doutros instrumentos (um levantamento do léxico português quinhentista e seiscentista, muitas vezes sugerido, nunca foi levado a cabo), e não se dispondo de documentação textual propriamente dita, os dicionários e vocabulários tornam-se a única fonte de informação disponível na localização de estreias lexicais. Assim procede, por exemplo, o dicionário Houaiss em numerosas datações. Devemos, sim, obviamente, partir da preexistência factual das formas que a lexicografia do período transcreve.

1.3. Castelhanização e ideologia

Importa vincar, desde já, que a acção castelhanizadora do português está inteiramente desvinculada da relação *política* que os autores mantivessem com a realidade castelhana. O grande paradoxo está, mesmo, em alguns dos mais importantes castelhanizadores se terem provado inequívocos patriotas. É o caso de Sá de Miranda, de Camões, de Rodrigues Lobo, de António Vieira. Outro dado paradoxal, e que desacredita quaisquer leituras simplistas, é estarem entre os mais importantes castelhanizadores os principais promotores dum português vernáculo. Exemplo disto, como adiante veremos, são Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcelos e Francisco Manuel de Melo.

Como se tudo isto não bastasse, temos este facto particularmente elucidativo: os autores mais conhecidos pela sua resistência ao uso literário do castelhano, os quinhentistas Fernão de Oliveira e António Ferreira, que, coerentemente, nada inovam em matéria de importação castelhana, revelam-se também, em termos absolutos, *os menos inovativos* na linguagem. Ilustra-o a indigência de meios do poeta Ferreira, com os seus omnipresentes *cruel, fermoso, espantoso, indigno*, e os igualmente monótonos *deleitoso, ditoso, furioso, gracioso, ingrato, rústico, temeroso*, todos eles com já longa e repisada história no idioma.

1.4. Grafia e fono-morfologia

As formas examinadas – e reunidas numa Lista final – figuram sempre na ortografia actual de ambos os idiomas. Em princípio, não nos ocuparão aqui questões ortográficas e fono-morfológicas, devendo contudo frisar-se que a pesquisa dos *corpora*, sobretudo no atinente à cronologia, supõe sempre o conhecimento de antigas realizações nesses dois domínios. Em castelhano, eram correntes grafias do tipo de *interesse, esperança, exemplo, quatro*. No português, e em âmbito adjectival, encontramos realizações como *antiguo, caluroso, desmayado, estropeado, fallecido, feo, mayor, oscuro, peor, perfecto, piadoso, riguroso, sesudo* e ainda *esteriles, faciles, habiles, volatiles*. Ao seu nível, essas formas reforçavam a percepção portuguesa, já de si acentuada, da contiguidade dos dois idiomas e da pertença a um todo unificador. Essa percepção foi fundamental para tornar – na perspectiva de então – mais palpável, e mentalmente mais atingível, o

sonho, ou a fantasmagoria, de um português *ibérico*, apto a funcionar em termos peninsulares. Aqui regressaremos.

1.5. Antecedentes medievais

O nosso período arranca, como já dito, em finais de Quatrocentos. Importa, no entanto, não perder de vista que a importação de adjectivos (e doutros materiais) castelhanos se iniciou bem antes. As *Cantigas de Santa Maria*, escritas entre 1264 e 1284, documentam-no abundantemente, como obra que foi de castelhanos galeguizantes, ou de galegos castelhanizados. Uma mancha de exemplos o ilustra: *amargoso, atrevido, barbudo, denodado, despeitoso* (de *despechoso*), *dolorido, endiabrado* (de *endiablado*), *esmerado, espantoso, garrido, humildoso, malfadado, orgulhoso, pedregoso, vagaroso*.

Depois, no decurso dos séculos XIV e XV, largas dezenas doutros adjectivos castelhanos se instalaram no galego e no português. Uma selecção: *afincado* (de *afincado*, depois *ahincado*), *aleivoso, altivo, apaniguado, apressurado, assombrado, astucioso, aturdido, baldio, caritativo, colorado, corcovado, demasiado, desabrigado, desalmado, desatinado, descuidado, desenfreado* (de *desenfrenado*), *desenganado, despedaçado, dificultoso, ditoso* (de *dichoso*), *embevecido, espantadiço, façanhoso* (de *hazañoso*), *fadado* (de *fadado*>*hadado*), *forçoso, gozoso, grandioso, humilde, indevido, lisonjeiro, malferido, malvado, manhoso, medroso, mourisco, movediço, pasmado, postiço, proveitoso* (de *provechoso*), *querido, resplandecente, ruim, solapado, sossegado, sobrepujante, sombrio, tacanho, tartamudo, tibio, trasnoitado* (de *trasnochado*), *velhaco* (de *bellaco*), *vistoso*. Eram formas correntes em Castela, e é em traduções do castelhano que muitas delas afloram no galego e no português. (Anotar-se, de passagem, que o cast. *astucioso* vai perder-se em finais de Quinhentos. O francês *astucieux* é quatrocentista, mas posterior ao castelhano. Por sua vez, o fr. *difficul-teux* só surge no século XVI e *grandiose* e *resplendissant* surgem no século seguinte).

Destas importações anteriores a 1488, e portanto excluídas da nossa Lista, algumas poderiam integrá-la na qualidade de 'redescobertas'. É o caso de *dolorido, denodado* e *malfadado*, castelhanismos das *Cantigas*. Só ressurgem em inícios de Quinhentos, em Gil Vicente e no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, ambientes reconhecidamente castelhanizantes. É o caso, também, de *estrelado* ("çeo estrelado"), presente na *Crónica Troiana* galego-portuguesa, do século XIV, e que só volta em 1523. Comparáveis são *ditoso*, usado por Dom Duarte no *Leal Conselheiro*, de 1438, e que só reaparece em 1567, ou *desabrigado*, com uma ocorrência trecentista portuguesa, que só regressa em 1553, ou *sobrepujante*, com ocorrências quatrocentistas portuguesas, e só ressurgindo em 1570. Exemplo entre todos espectacular é *gozoso*. Esta forma, já frequentíssima no castelhano do século XIII, aflora no século seguinte na *Crónica Troiana*. Porém, só em 1696 voltará a ter uso em português, pela pena de Manuel Bernardes, notório castelhanizante. Tudo permite entender estes reaparecimentos como novas importações.

1.6. Ocorrências, concentrações

Este estudo centra-se nas primeiras ocorrências, ou *estreias*, dos vocábulos em língua portuguesa. Não se ocupa, pois, da difusão deles, menos ainda do seu exacto percurso. Em muitos casos, um uso posterior (por exemplo, na pena dum escritor mais influente) terá sido decisivo para a sua manutenção no idioma. Deve, sim, sublinhar-se que uma 'primeira ocorrência' é, sempre, uma primeira ocorrência *documentada*. É possível (e, no caso de obras lexicográficas, muito provável) que o vocábulo em questão já circulasse há algum tempo, oralmente, ou mesmo por escrito, em obras hoje desconhecidas, ou perdidas, ou simplesmente não examinadas aqui. Isto significa que a possibilidade dum recuo cronológico está sempre presente. Obviamente, isso vale também para as ocorrências castelhanas. A global anterioridade castelhana afigura-se, pois, um dado incontestável, sendo altamente improvável uma inversão significativa das posições.

Sem surpresa, verificam-se expressivas *concentrações* de primeiras ocorrências portuguesas na obra de autores que sabemos particularmente receptivos ao castelhano, como Gil Vicente, João de Barros, Francisco de Holanda, o lexicógrafo Jerónimo Cardoso, Luís de Camões, Luís Fróis, Francisco Manuel de Melo, António Vieira, Manuel Bernardes. Os autores de obra bilingue, como Gil Vicente, Camões ou Melo, fornecem-nos suplementar comprovação das transferências lexicais. Em obras suas castelhanas, achamos bastante vocabulário que mais tarde terá, em obras suas portuguesas, a primeira atestação. Mais uma vez: prospecções mais alargadas trarão algum desbaste às concentrações aqui obtidas. Mas não é razoável esperar que outros autores ou obras se aproximem, sequer, de tais valores.

1.7. Lexicalização, sufixação

Assinale-se que um bom número de formas adjectivais aqui recolhidas são participios passados que já em castelhano se haviam lexicalizado e com esse estatuto passaram ao português. Sirvam de exemplo, na fase inicial do nosso período, *desconfiado*, *desmedido*, *comedido*, *desastrado*, *descabelado*. Prova de que as formas chegaram já lexicalizadas, fornecem-na *acendrado*, *embaidor*, *malogrado*, *maniatado*, *nublado* e *renhido*, estabelecidas no português antes da chegada dos verbos correspondentes *acendrar*, *embair*, *malograr*, *maniar* (depois *manietar*), *nublar* e *renhir*.

Por vezes, a lexicalização foi acompanhada, já no castelhano, duma intervenção semântica, com afinilamento do significado. Observem-se os citados *desmedido* ('falta de medida') ou *descabellado* ('que va fuera de orden'). Foi, habitualmente, assim re-semantizado que o vocábulo entrou no português. Nos casos em que esse valor já não corresponde ao do português actual, indica-se, na nossa Lista, aquele que vigorava à época: p. ex. *desastrado* 'infeliz', *desapropriado* 'carente', *deslumbado* 'perplexo'. O mesmo se faz quando o valor não é evidente: p. ex. *alentado* 'volumoso', *encontrado* 'contraditório', *interessante* 'interessado', *noticioso* 'informado', *presumido* 'soberbo'. Caso de extremo afinilamento é *arrasado*, na combinação *olhos arrasados em* (ou *de*) *lágrimas*, que achamos a partir de João de Lucena, e que copia *ojos arrasados de lágrimas*, já então corrente.

No âmbito do léxico familiar, é notório o número de formas com o sufixo *-iço*. Assim temos *castiço*, *corrediço*, *inteiriço*, *mestiço*, *roliço*. Sublinhável é, sim, que estas formas entraram, todas, até por volta de 1550, isto é, no primeiro terço do nosso período. Até ao fim dele, haverá ainda as formas *arrojadiço*, *arimadiço*, *echadiço*, *encontradiço* e *pegadiço*, nitidamente menos correntes. Igualmente numerosas se revelam as formas com o sufixo *-udo*: *barrigudo*, *cabeçudo*, *carnudo*, *guedelhudo*, *lanudo*, *narigudo*, *ossudo*, *peludo*, *taludo*. A distribuição é semelhante à do grupo anterior. Depois de 1570, só encontramos *campanudo*. Em compensação, as formas com o sufixo *-ão* (de *-ón*) encontram-se quase só após 1645: *chorão*, *fanfarrão*, *respondão*, *socarrão*, *valentão*. Só *folgazão* e *remendão* são anteriores, datando de 1488 e 1570. Se a demasiada dispersão temporal das formas castelhanas em *-izo* e *-udo* não permite conclusões espectaculares, já as formas originais em *-ón*, concentradas na centúria de Seiscentos, demonstram a sua rápida recepção pelo português. Uma explicação para este fenómeno poderia achar-se no teatro espanhol, que nesse século inundou os espaços portugueses, e que teria posto em imediata circulação portuguesa formas particularmente burlescas.

1.8. Estrangeirismos castelhanos

Foram vários os estrangeirismos do castelhano que chegaram ao português através duma estadia em Castela. É o caso do galicismo *gallardo* (de *gaillard*), adoptado como *galhardo*, do provençalismo *forajido* (de *foreissit*), entrado como *foragido*, dos catalanismos *forastero* e *rozagante* (de *foraster* e *rossegant*), estabelecidos como *forasteiro* e *roçagante*, do hebraísmo *malsín*, grafa-

do em português *malsim*. Também do catalão recebeu o castelhano *pundonor* (de *punt d'honor*) e dele criou *pundonoroso*, passado ao português.

Também as soluções castelhanas *esdrújulo* e *macarrónico*, e não os originais italianos *sdruc-ciolo* e *maccheronico*, são a mais que provável fonte dos portugueses *esdrúxulo* e *macarrónico*, tanto mais que o seu afloramento se dá em ambiente castelhanizante. O mesmo vale para *bizarro*. O castelhano tomou-o do italiano (em que *bizarro* significa 'iracundo') e deu-lhe o valor de 'elegante', 'garboso', adoptado pelo português de Seiscentos. Mais tarde, sob influência francesa, passaria a significar 'extravagante'. Particularmente curioso é o caso de *bisonho*, surgido em 1548 em Francisco de Holanda. É certo que o autor andou por Itália, mas não menos que foi introdutor de variados castelhanismos. Além disso, o vocábulo aparece aí no sentido de 'novato', 'inexperiente' (dito sobretudo dum soldado), o exacto sentido do castelhano *bisoño* (proveniente do italiano *io bisogno*, 'eu necessito') que, desde 1517, vinha gozando de largo uso. O português *bisonho* inflectirá, no século XIX, para o valor de 'tímido', 'assustado', hoje quase o único.

Por um escrúpulo metodológico, foram excluídos de consideração aqueles adjectivos que, não obstante uma primeira atestação em castelhano, e um quase certo influxo directo deste sobre o português, se acham atestados em francês numa data intermédia. Refiro-me a formas portuguesas como *cerimonial*, *expressivo*, *genérico*, *impulsivo*, *incessante*, *incompatível*, *independente*, *indispensável*, *judicioso*, *luciferino*, *poroso*, *navegável*, *praticável*. Mais uma vez: não se trata de latinismos, e sim de criações derivacionais românicas.

Por maioria de razão, decidi excluir aqueles vocábulos que, tendo atestações castelhanas nitidamente anteriores às portuguesas, e sendo a procedência castelhana directa deles extremamente admissível, conheceram todavia formas francesas ainda mais recuadas. Esta circunstância ditou a eliminação de *brilhante*, *calmo*, *caloroso*, *considerável*, *corajoso*, *cúmplice*, *decisivo*, *desastroso*, *excepcional*, *evasivo*, *galante*, *imperceptível*, *impraticável*, *inaceitável*, *inadmissível*, *inadvertido*, *inesperado*, *inestimável*, *inovador*, *insaciável*, *intencional*, *intolerável*, *intratável*, *invariável*, *inventivo*, *irresistível*, *judicioso*, *misterioso*, *opressivo*, *radical*, *reiterado*, *respeitável*, *transversal*, *vantajoso*, *variado* e *vigoroso*.

Conservaram-se, obviamente, as formas em que a importação portuguesa do castelhano precedeu o aparecimento do vocábulo francês, casos de *acomodático*, *acreditado*, *grosseiro*, *interessante*, *ponderado*, *estimulante* e *vibrante*.

Excluem-se de consideração, por fim, os patronímicos (como os medievais *Zarco* e *Zote*) e os gentílicos (como *sevilhano* ou *toledano*).

Algumas formas instalaram-se no galego antes do início do período português aqui examinado. São elas (na grafia ou realização encontrável) *descabellado*, *desassisado*, *desvariado*, *embargante*, *lindo*, *maçizo* e *serrano*. É provável que as suas entradas no galego e no português tenham conhecido vias diferentes, e por isso as conservamos na Lista final.

1.9. Hipóteses alternativas

A semelhança das soluções castelhanas e portuguesas poderia suscitar a hipótese duma *poligénese* peninsular, explicadora do fenómeno. O português teria desenvolvido formas adjectivais que, ou casualmente, ou por acção de implícitos mecanismos, coincidem com as fabricadas também em Castela. É uma hipótese algo ousada, esta duma *geração espontânea*. Certo: não pode excluir-se a pontual, embora sempre dificilmente comprovável, intervenção do acaso. Contudo, se porventura alguns mecanismos comandaram, num caso ou outro, o surgimento independente de duas formas semelhantes, tem de dizer-se que tais mecanismos foram pouco produtivos, nunca contrariando a trivial cronologia, a duma sistemática antecipação castelhana. Escasseiam, aliás, as soluções derivacionais autóctones (como *agourento*) a competirem com as

importadas (no caso, *agoureiro*), o que não indicia uma criação paralela minimamente sistemática.

Ainda mais periclitante é a sugestão de que as formas portuguesas se teriam factualmente adiantado às castelhanas, só que em suportes hoje desconhecidos, mormente manuscritos. É um facto que muita produção nacional correu manuscrita. Mas o mesmo sucedia em Castela. Além disso, seria demagógico presumir que exactamente a produção perdida encerrava uma peculiar inventividade lexical. Com efeito, nada daquilo que, dessa produção, acabou conhecido (e relembrem-se *Historia de Japam, Desengano de perdidos, Fastigínia*, entre outras obras extensas e cuidadas) dá apoio a semelhante presunção. E sobretudo: a limitação aos textos *conhecidos* é condição natural de toda a investigação linguística.

Em contrapartida, abundam as demonstrações duma dependência estrutural face ao castelhano. Entre os cenários que abaixo serão expostos, destaquem-se 1) a mera cópia de fabricagens complexas (*boquiaberto, cabisbaixo e pontiagudo*), 2) a integração de adjectivos de bases, elas próprias, já integradas (*caudal* e depois *caudaloso, assombrar* e depois *assombroso*), 3) a importação 'abrupta' de derivações sem base portuguesa (*airoso* mas *ar, sangrento* mas *sangue*), 4) formas de transição, quer eliminadas (*balbucente, desgraciado*) quer mantidas (*alvorçado, maniatado*) e 5) a importação do semantismo castelhano (*noticioso, regalado* e os casos extremos de *bisonho* e *bizarro*). Não há mecanismos poligenéticos, nem manuscritos perdidos, que engendrem cenários deste tipo.

Inteiramente desprovida de senso seria, por fim, a sustentação duma influência lexical mútua comparável dos dois idiomas. Qualquer investigação nesse sentido só vem evidenciar a irredutível assimetria dos dois movimentos (Venâncio 2008).

2. CRIAÇÕES CASTELHANAS, SUPOSTOS LATINISMOS

2.1. De fabrico castelhano

Importa, entretanto, precisar a noção de *castelhanismo* que guia estas investigações. Entende-se que um vocábulo português é um castelhanismo a) quando a forma em causa é de reconhecida fabricagem castelhana, mesmo se derivada doutro idioma, b) quando ela está em clara circulação castelhana antes da primeira atestação portuguesa, c) quando as primeiras atestações portuguesas surgem em 'ambiente' castelhanizante (autor bilingue, tradução do castelhano, texto com significativas marcas do castelhano), e adicionalmente d) quando a distribuição posterior da forma castelhana manifesta uma nitidamente superior concentração de ocorrências.

Uma parte importante dos adjectivos castelhanos transferidos para o português inscreve-se, como foi dito, num tipo 'culto', mas não faltam os termos diários, e mesmo os vulgares. Comum a todos é, insiste-se, a circunstância de o português os ter tomado do castelhano como formas *prontas-a-usar*, sendo indiferente tê-las o castelhano criado de raiz, ou reciclado do latim ou doutro idioma, ou transferido directamente do latim. Por outras palavras: mesmo quando um vocábulo é, no castelhano, um autêntico latinismo, ele será em português, nessas circunstâncias, um real castelhanismo.

Um exemplo simples disto é *tardio*. O castelhano *tardío* é um latinismo, tendo derivado directamente de *tardivus*. Há notícia do seu uso desde meados do século XIII. Mas o português valeu-se dele, já assim pronto, uns 250 anos mais tarde, o que se deu numa tradução do castelhano. Facto é que, hoje, todos os dicionários de português fazem derivar *tardio* directamente de *tardivus*. Semelhante é a história de *crível*, documentado em 1619, e sempre dado como derivação de *credibilis*. Na realidade, é uma adaptação de *creible*, já então com dois séculos de

circulação em Castela. A forma intermédia *creível*, no *Tesouro* de Bento Rodrigues de 1647, e na *Prosódia* de 1697 do mesmo autor, desfaz quaisquer dúvidas.

O presente estudo concentra-se, porém, nas *criações castelhanas de origem*. É verdade que bastantes delas radicam num vocábulo latino, mas não são 'latinismos'. Um exemplo simples: tanto o cast. *jactancia* como o port. *jactância* são um latinismo (prolongam o latim *iactancia*), mas o adjetivo *jactancioso* não é (o latim desconhecia **iactantiosus*). Este vocábulo foi criado em Castela, onde é atestado desde 1550, e daí passou ao português, com documentação num texto de António Vieira de 1652.

Seja outro exemplo *oloroso*. Uma forma latina **olorosus* seria verosímil, à imagem de *clamorosus*. Mas foi em castelhano que *oloroso* foi criado, com primeira atestação de 1417. Surgiu no português em 1518, em texto do bilingue Gil Vicente. Curioso pormenor: a forma castelhana aparece na primeira peça do dramaturgo, de 1502 ("Amiga mi olorosa / tu voz suene em mis oídos"). Esta ordem de aparição repete-se, como já sugerimos, em bom número de estreias adjetivais de Gil Vicente. Acrescente-se que o português havia já criado *odoroso*, de *odor*. Mas era ao adventício *oloroso* que estava reservado maior sucesso.

Foi também o castelhano que formou, do lat. *pressura*, o adjetivo *pressuroso*, de que há notícia em 1252. Aparecerá em contexto português cerca de 1550, numa das primeiras éclogas de Luís de Camões ("As pisadas na terra conhecidas, / As quais foram seguindo pressurosos"), e será um adjectivo favorito do lírico.

Algo menos linear é o percurso de *lastimoso*. O castelhano criou-o por 1430, a partir de *lástima*, forma regressiva de *lastimar*, oriundo do lat. *blastemare*, modificação de *blasphemare*. O português absorveu toda essa florescência castelhana, aparecendo *lastimoso* em obra de Garcia de Resende de 1545. Até uma criação castelhana frustrada como *lastimable*, de 1550, ia ser conservada no port. *lastimável*, introduzido em 1667 por António Vieira.

2.2. Um latim ilusório

Ficam, pois, fora do escopo deste trabalho os latinismos autênticos. Mas são tanto mais assinaláveis os pseudo-latinismos. Neste grupo, além dos já apontados, devem mencionar-se *angustioso*, *aparatoso*, *dadivoso*, *estrepitoso*, *horroroso*, *noticioso*, *ostentoso*, *polvoroso*, *primoroso*, *quantioso*, e ainda *aflitivo*, *circunvizinho*, *confinante*, *disforme*, *pensativo*, *perdulário*, *repreensivo*, *varonil*. Todos eles, provenientes do castelhano, que os formou, vieram instalar-se no português. Podemos supor que o utente português renascentista, ao exprimir-se com estes materiais, terá tido a nítida sensação de a língua estar a 'latinizar-se' e de ter ele próprio nisso um papel. É neste contexto de ilusória latinização que devem entender-se as juras quinhentistas duma particular genuinidade latina do português.

Observe-se um vocábulo tão 'latino' como *manancial*. O castelhano formou, de *manente*, a forma *manantial*. Era inicialmente, no século XIII, só um substantivo ("los manantiales del Nilo"), mas no decorrer de Quatrocentos torna-se também adjetivo ("agua manantial caliente"). É como adjetivo que vai surgir em português, sob a forma *manancial*, num texto de Amador Arrais de 1589 ("fonte manancial de bens verdadeiros"), e pouco depois em Bernardo de Brito ("águas mananciais"). Bento Pereira recolhe-o em 1647. Só em finais do século há novas notícias do vocábulo, agora também substantivo. É provável que o utente português tenha percebido o cast. *manantial* como latinismo, proveniente dum suposto **manantialis*, e tenha portanto decidido pronunciar-lo com [s], adaptando a grafia para *manancial*. Trata-se, assim, duma hiper-correcção, mas ela é tipicamente denunciadora da percepção de criações castelhanas como latinismos.

Ainda neste contexto, pode aduzir-se *hediondo*, uma estreia de Vieira, forma que o castelhano derivara do lat. vulg. *foetibundus*, e era aparentada ao cast. *heder* 'feder'. O utente português menos informado tê-la-á suposto um lídimo latinismo.

3. OS MECANISMOS DA TRANFERÊNCIA

3.1. Modificados e conservados

Por vezes a transferência do adjectivo deu-se de modo abrupto, sem que nada o fizesse prever. Foi o caso de formas curtas como *barato*, *sonso*, *tonto*, *zote*, ou como *bonito*, *guapo*, *lindo*. Foi, de novo, o caso de *hediondo*, que o castelhano facilmente associava a *heder*, mas de que o português só reteve o valor de 'sórdido', 'repugnante', conservando-o sobretudo em colocações como *crime hediondo* ou *traição hedionda*. O ponto máximo desta importação de formas 'toutes faites' atinge-se em *harto* e *lhano*, vindas duplicar as patrimoniais *farto* e *chão*. A primeira não teve sequência, a segunda manteve-se 'culta'.

O mais frequente é, porém, os adjectivos surgirem em ambiente 'familiarizado', na sequência de substantivos ou verbos já anteriormente incorporados ao português. Seguem alguns exemplos. De anotar que o castelhano *melindroso*, 'afectado', 'amaneirado', passou a significar predominantemente, em português, 'arriscado', 'metucioso'.

andrajo	andrajoso	>	<i>andrajo</i>	<i>andrajoso</i>
arrojar	arrojadizo	>	<i>arrojar</i>	<i>arrojadiço</i>
caudal	caudaloso	>	<i>caudal</i>	<i>caudaloso</i>
charco	encharcado	>	<i>charco</i>	<i>encharcado</i>
chiste	chistoso	>	<i>chiste</i>	<i>chistoso</i>
comedimiento	comedido	>	<i>comedimento</i>	<i>comedido</i>
crisol	acrisolado	>	<i>crisol</i>	<i>acrisolado</i>
desdicha	desdichado, -oso	>	<i>desdita</i>	<i>desditado, -oso</i>
donaire	donairoso	>	<i>donaire</i>	<i>donairoso</i>
estruendo	estruendoso	>	<i>estrondo</i>	<i>estrondoso</i>
ganancia	ganancioso	>	<i>ganância</i>	<i>ganancioso</i>
jaez	ajaezado	>	<i>jaez</i>	<i>ajaezado</i>
maraña	enmarañado	>	<i>maranha</i>	<i>emaranhado</i>
melindre	melindroso	>	<i>melindre</i>	<i>melindroso</i>
peñasco	peñascoso	>	<i>penhasco</i>	<i>penhascoso</i>
pundonor	pundonoroso	>	<i>pundonor</i>	<i>pundonoroso</i>
apaciguar	apaciguador	>	<i>apaziguar</i>	<i>apaziguador</i>
arraigar	arraigado	>	<i>arraigar</i>	<i>arraigado</i>
asombrar	asombroso	>	<i>assombrar</i>	<i>assombroso</i>
encarecer	encarecedor	>	<i>encarecer</i>	<i>encarecedor</i>
lastimar	lastimoso, -able	>	<i>lastimar</i>	<i>lastimoso, -ável</i>
retumbar	retumbante	>	<i>retumbar</i>	<i>retumbante</i>

Movimento contrário foi o do adjectivo *carinhoso* e do substantivo *carinho*, entrados em português nesta ordem, quando o castelhano tomara do aragonês *cariño* e dele formara *cariñoso*.

Nesta longa história, o castelhano acabaria por abandonar uma parte das suas criações. Uma mancheia delas foi, porém, conservada no português. Assinale-se que a primitiva variante cast. *seediço* e o seiscentista port. *seediço* supõem um **sedittius* por etimologia.

afrontoso	>	<i>afrontoso</i>
ajaezado	>	<i>ajaezado</i>
asesado	>	<i>assizado</i>
cedizo	>	<i>cediço</i>
desasesado	>	<i>desassizado</i>
desnaturado	>	<i>desnaturado</i>
figadal	>	<i>figadal</i>
gallofero	>	<i>galhofeiro</i>
lastimable	>	<i>lastimável</i>
sequioso	>	<i>sequioso</i>

Noutros casos, o português preservou formações castelhanas que o idioma original viria a modificar:

<i>desgustoso</i>	>	disgustoso	<i>desgostoso</i>
<i>escalabrado</i>	>	descalabrado	<i>escalavrado</i>
<i>osudo</i>	>	huesudo	<i>ossudo</i>
<i>reprehensivo</i>	>	repreensivo	<i>repreensivo</i>

Noutros, foi já no português que as modificações se efectuaram. Em três casos, a forma de transição foi mantida.

<i>ceceoso</i>	<i>ceceoso</i> > <i>cicioso</i>
<i>creible</i>	creível > <i>crível</i>
<i>desapiadado</i>	desapiadado > <i>desapiedado</i>
<i>desgraciado</i>	desgraciado > <i>desgraçado</i>
<i>desmzalado</i>	desmzalado > <i>desmazelado</i>
<i>estropeado</i>	estropeado > <i>estropiado</i>
<i>alborotado</i>	alborotado + <i>alvoraçado</i>
<i>arraigado</i>	arraigado + <i>arreigado</i>
<i>maniatado</i>	maniatado + <i>manietado</i>

Num caso concreto, observam-se movimentações paralelas. As formas castelhanas *intricado* e *intrincado* mantiveram-se em regular uso até cerca de 1730, acabando *intrincado* praticamente a única conservada. Em português, o destino delas foi quase igual, verificando-se após essa data um acentuado decréscimo de *intricado*.

Facto é que um bom número de formas se acomodou aos radicais galego-portugueses, assim se obtendo *alaranjado*, *ameaçador*, *apoucado*, *assizado*, *chovediço*, *conceituoso*, *condóido*, *desassizado*, *descabelado*, *desditoso*, *guedelhudo*, *inteiriço*, *minguante*, *mourisco* (mas *moreno*), *roliço* ou *teimoso*. Noutros casos, a acomodação foi de ordem morfológica, com realizações como *altaneiro*, *domingueiro* ou *incansável*. Toda essa acomodação torna estas formas menos reconhecíveis como criações importadas, que contudo foram.

3.2. Um modelo de correcção

Algumas formas medievais galego-portuguesas foram remodeladas sob influência da castelhana correspondente. Em três dos casos abaixo, foi recuperado o *n* intervocálico que o idioma sistematicamente abolira.

<i>aprisoado</i>	aprisionado	>	<i>aprisionado</i>
<i>baroíl</i>	varonil	>	<i>varonil</i>
<i>desnuado</i>	desnudado	>	<i>desnudado</i>
<i>desvairado</i>	desvariado	>	<i>desvariado</i>
<i>manteedor</i>	mantenedor	>	<i>mantenedor</i>
<i>oufano</i>	ufano	>	<i>ufano</i>

A forma *baroíl* é usada ainda por João de Barros, quer na *Gramática* de 1540 quer nas *Décadas*, e por Bento Teixeira, na *Prosopopeia*, de 1601 ("Ao claro Jorge, baroíl e forte"). Mas já em 1521, com Gil Vicente, se iniciava uma recuperação castelhana ("gente esforçada e baronil"), consumada em 1555, com a grafia *varonil*, numa peça de Ferreira de Vasconcelos, sendo esse também único verbete no *Dicionário* de Jerónimo Cardoso de 1562. Por sua vez, *desvairado* gozou, após 1700, duma sobrevivência lexicográfica, conservando-se *desvairado* a forma corrente, isto em contraste com a duradoura secundarização que o castelhanismo *desvario* trouxe ao patrimonial *desvairo*.

Noutras situações, originaram-se dubletes, ficando a forma patrimonial na companhia duma advertência:

<i>llano</i>	chão + <i>lhano</i>
<i>tierno</i>	tenro + <i>terno</i>

Já o período medieval assistira a remodelações castelhanizantes. No terreno do adjectivo, cite-se a reconversão de *castelao/castelão* em *castelhano* (especializando-se *castelão* como 'senhor de castelo'), de *cercao/cercão* em *cercano* (nenhum sobreviveu), de *dorido* em *dolorido* (conservados ambos), de *nu* em *desnudo* (conservados, com domínio do patrimonial).

À luz destes factos, a 'latinização' de formas medievais (e, sublinhe-se, limitamo-nos aqui ao adjectivo) revela-se a mais genuína recuperação castelhanizante, com o castelhano a funcionar como *modelo de correcção* (ou, até, indutor de hipercorreções). Os exemplos seguintes ilustram-no. Neles se indicam as formas medieval e renascentista portuguesas, e se compara esta segunda com a castelhana.

<i>afeito</i>	<i>afecto</i>	cp.	afecto
<i>areoso</i>	<i>arenoso</i>		arenoso
<i>cioso</i>	<i>zeloso</i>		celoso
<i>contrairo</i>	<i>contrário</i>		contrario
<i>dooroso</i>	<i>doloroso</i>		doloroso
<i>estudoso</i>	<i>estudioso</i>		estudioso
<i>falsairo</i>	<i>falsário</i>		falsario
<i>findo</i>	<i>finito</i>		finito
<i>incrú</i>	<i>incrédulo</i>		incrédulo
<i>meio</i>	<i>médio</i>		medio
<i>opoente</i>	<i>oponente</i>		oponente
<i>raivoso</i>	<i>rabioso</i>		rabioso

<i>sestro</i>	<i>sinistro</i>	sinistro
<i>soante</i>	<i>sonante</i>	sonante
<i>sorretício</i>	<i>sub-reptício</i>	subreptício
<i>templeiro</i>	<i>templário</i>	templario
<i>tenvroso</i>	<i>tenebroso</i>	tenebroso
<i>terreo</i>	<i>terreno</i>	terreno
<i>vigiante</i>	<i>vigilante</i>	vigilante
<i>voante</i>	<i>volante</i>	volante

As formas patrimoniais *afeito*, *cioso*, *findo*, *meio*, *soante*, *vigiante* e *voante* mantiveram-se, originando dubletes lexicais com as novas. Quanto ao resto, a forma *raivoso* conservou-se sempre a predominante, enquanto *incrêu* e *sestro* se tornaram substantivos. Ainda um pormenor: não se confunda *terreo* com o latinismo *térreo*, nem com tampouco a formação castelhana *terreño* (tornada *terrenho*) proveniente de *terra* e sufixo *-eño*.

A única vantagem dessa ‘correção’ foi o aparecimento de dubletes com uma útil diferenciação semântica. Assim, há *cioso* e *zeloso* (‘ciosa independência’, ‘zeloso administrador’), *meio* e *médio* (‘meio litro’, ‘valor médio’), *soante* e *sonante* (‘nome soante’, ‘moeda sonante’).

É provável que o utente coevo tenha valorizado estes fenómenos como uma ‘modernização’ prestigiante, e não como um processo adulterador do idioma. Facto é que nunca o português desenvolveu, perante o castelhano, mecanismos de vigilância, menos ainda de resistência, vernaculista. Se a minha hipótese dum castelhano ‘avalizador de latinidade’ fizer sentido, torna-se também admissível que a ‘latinização’ renascentista do português foi, em boa medida, uma auto-ilusão. A larga importação de criações castelhanas de base latina (recordemos *dadivoso*, *primoroso*, *circunvizinho*, *perdulário* e tantas dezenas de outros) terá camuflado um processo mais profundo: o duma vasta castelhanização, pura e dura, do léxico *culto* português.

Suplementar demonstração duma estrutural dependência face ao castelhano é fornecida por vocábulos cuja forma subjacente era, e se manteve, estritamente castelhana. Indicam-se a base castelhana, as formas castelhana e portuguesa, e a base portuguesa aqui desestimada.

aire	<i>airoso</i>	<i>airoso</i>	cp.	ar
bozo	<i>bozal</i>	<i>boçal</i>		buço
encender	<i>encendido</i>	<i>encendido</i>		acender
entretener	<i>entretenido</i>	<i>entretenido</i>		entretreer
lana	<i>lanudo</i>	<i>lanudo</i>		lã
moro	<i>moreno</i>	<i>moreno</i>		mouro
prisión	<i>aprisionado</i>	<i>aprisionado</i>		prisão
pujar	<i>pujante</i>	<i>pujante</i>		puxar
resabio	<i>resabiado</i>	<i>ressabiado</i>		ressaibo
sangre	<i>sangriento</i>	<i>sangrento</i>		sangue
sequía	<i>sequioso</i>	<i>sequioso</i>		seca <i>subst.</i>

Uma circunstância curiosa envolve a forma *sangrento*. O cast. *sangriento* data do século XIII. O galego-português usa então *sanguento*, embora o castelhanismo *sangrar* se tenha já tornado corrente. Só por volta de 1600 surge *sangrento*, na *Década décima* de Diogo do Couto (“e posto que tiveram huma escaramuça, que durou hum bom espaço, todavia não foi sangrenta”). A obra terá sido então enviada do Oriente, conservando-se inédita até 1788. Dez anos mais tarde, em 1798, o *Dicionário* de Morais inclui *sangrento*, e remete para esse exacto lugar. É o primeiro dicionário onde aparece o vocábulo, que só no século XIX conhecerá uso apreciável. Mas é difícil

admitir que o quinhentista Couto estivesse inteiramente isolado no emprego de *sangrento*. É, antes, provável que, até Morais, os lexicógrafos tenham hesitado em dicionarizar uma forma tão gritantemente castelhana.

4. CASOS EXEMPLARES

4.1. *Aziago*

A forma *aciago* é empregada em castelhano desde cerca de 1350, e quase sempre, por arrasamento do *dies aegyptiacus* de que derivou, como epíteto de *dia*: primeiro com uma glosa ("al dia malo aziago en que yo nasci"), depois por força própria ("allí fue día aziago para el pueblo renegado"). A forma mostra uso regular já por todo o século XV. Em português, vai aparecer em 1504, na tradução dum catecismo castelhano, e acha-se documentado logo em Gil Vicente e Sá de Miranda, autores de que se conhece a intensa convivência com o castelhano. Seria impróprio supor que o port. *aziago* derivou de *aegyptiacus*. (Anote-se que, em textos portugueses medievais, o arabismo *azinhaga* surge por vezes realizado *aziaga*, com til sobre o *i*).

4.2. *Boquiaberto, cabisbaixo, pontiagudo*

Os casos de *boquiaberto*, *cabisbaixo* e *pontiagudo* são igualmente reveladores. De cast. *puntia-gudo* há uma primeira documentação em 1513 ("con vn hachon bien puntiagudo") e numerosas ocorrências no decurso do século. O port. *ponteagudo* surge numa crónica de 1535 (publicada em 1897) e regressará, dicionarizado, no Cardoso de 1570. O cast. *cabizbajo* aparece numa carta de 1531 de Antonio de Guevara, e logo nos decénios seguintes mostra vários usos. O port. *cabisbaixo* vai aflorar em Amador Arrais, em 1589, e só regressará no Bento Pereira de 1647. Por fim, o cast. *boquiabierto* acha-se na *Segunda Celestina*, de 1534, revelando depois regular frequência. O port. *boquiaberto* será assinalado em 1594, só regressando em Bluteau. Nos três casos, a complexidade (e até a inventividade) das formas, mais esta disparidade na distribuição temporal, tudo torna inquestionável a proveniência castelhana. No entanto, o dicionário da Porto Editora só a reconhece em *cabisbaixo*, enquanto o Houaiss se limita a decompor os vocábulos. Gozam todos três, no português actual, de uso corrente.

4.3. *Alcançável*

Na normalidade dos casos, uma forma adjectival, uma vez criada, ou adoptada, introduz-se nos usos linguísticos, propagando-se numa cadência regular. Mas há excepções, e algumas de tomo. Veja-se o caso de *alcançável* e do seu antónimo. O cast. *alcanzable* surge por volta de 1450 ("quam incomprehensibles son sus juycios e quam no alcançables sus carreras"). Em 1497, surge em texto português, tradução do anterior ("quã incomprehensyues som seus juyzos e quanto non alcançaees suas carreyras"). Em 1573, damos com um castelhano *inalcanzable*. Depois, nas duas línguas, passam séculos de silêncio textual. O CORDE só dará nova ocorrência de *inalcanzable* em 1909, e o DRAE acolhe-o em 1925, enquanto *alcanzable* reaparece naquele corpus em 1940 e entra neste dicionário em 1970. Do lado português, *alcançável* e *inalcançável* foram ambos dicionarizados em 1913.

4.4. *Desabrido*

Por vezes, o que estranha é exactamente a demora do português em incorporar materiais correntíssimos em castelhano, que rapidamente se revelam uma excelente aquisição. Seja exemplo *desabrido*. Entre 1400 e 1600, são centenas as ocorrências em castelhano. Mas só em 1625 o

achamos em português, na pena do castelhanizante Gaspar Pires Rebelo ("que me condenava a mim próprio de me haver mostrado tão desabrido"). Ainda pouco antes, em 1621, o doutrinário Amaro Roboredo, nas suas *Centúrias*, resguardara-se de usar o vocábulo, traduzindo "Entre compañeros aplazibles no seas desabrido" por "Entre os companheiros aprazíveis não sejas áspero". Seria, mesmo, interessante examinar mais detidamente em Roboredo, nessas traduções de frases castelhanas, este tipo de distanciamento. Veja-se como se comporta no atinente a *tonto*. Traduz "Del guiñar tonto nace el menosprecio" por "De um tolo acêno de olhos nasce desprezo", e "Para que collares al cuello del tonto, i axórcas?" por "Para que são collares ornativos, e manilhas no pescôço do desassisado?". Assim, ora usa o patrimonial *toló*, ora recorre ao já antigo castelhanismo *desassisado*. Entretanto, em 1606, Duarte Nunes de Leão estreará *tonto*, que em Setecentos se tornará corrente.

4.5. *Cedo / tarde, perto / longe*

Uma perplexidade, ainda. Contrariamente a *tardio*, uma aquisição plena de êxito, nunca a noção oposta, correspondente ao adjetivo cast. *temprano*, ganhou relevância em português. A forma *temporão* manteve-se sempre infrequente e de quase exclusiva aplicação a frutos. Certos contextos permitirão o recurso a *precoce* ou *prematuro*. Em suma: gozando dum adjetivo corrente para *tarde*, nunca o português desenvolveu um para *cedo*. Não menos estranha é a total ausência de adjectivos correspondentes a *longe* e *perto*, à imagem dos castelhanos *lejano* e *cercano*. Houve tentativas medievais de criar um *cercão*, cedo frustradas, e nunca surgiu nada como **lonjano*, ou **lonjão*. A partir do século XV, divulga-se o latinismo *propínquo* ou *propinco* (de há muito corrente em castelhano), que será superado por *próximo* de sentido espacial. Em meados do século XVII aparecerá *longínquo*. Por outras palavras: a vasta oferta castelhana de *temprano*, *cercano* e *lejano*, vocábulos que se diria peculiarmente bem-vindos, jamais aliciou o utente português.

5. A HISTÓRIA DAS FORMAS

5.1. O período inicial

Os incunábulo portugueses são, todos eles, traduções de obras castelhanas de teor religioso. Trata-se do *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial, o primeiro impresso português, feito em Chaves em 1488, do *Tratado de Confissom*, de 1489, da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, de 1495, dos *Evangelhos e Epístolas*, impressos no Porto em 1497, e das *Constituições* de D. Diogo de Sousa, do mesmo ano. Eram, provavelmente, os textos mais disponíveis para divulgação pelos novos meios. Estas e outras obras foram recentemente reeditadas e estudadas em pormenor por José Barbosa Machado, e lexicalmente tratadas no já citado *Vocabulário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, disponível *online* (sugerindo o investigador que a tradução da *Vita Christi*, efectivamente do castelhano, poderia datar do reinado de D. Duarte). Já entrado o século XVI, saíram ainda o *Catecismo* de Diogo Ortiz, em 1504, e a antologia *Flos Sanctorum*, em 1513. Iriam ser, por muito tempo, as únicas traduções de castelhano feitas para um público português. E compreende-se: os portugueses já liam, sem dificuldade, os textos originais que chegavam de Castela ou se fazia imprimir em Portugal.

É nessas remotas traduções que, sem surpresa, achamos um significativo número de estreias de adjectivos de feitura castelhana. Entre essas obras, destacam-se *Evangelhos* e *Epístolas* como lugar de estreias, o que não espanta, pela maior extensão do texto e a diversidade dos assuntos.

O primeiro autor português do período é o dramaturgo Gil Vicente. Estudou, como muitos portugueses, sobretudo do século XVI, em Salamanca. Na corte de Lisboa, local privilegiado das suas representações, reinava o mais natural bilinguismo. Das suas cerca de 50 peças, 19 são bilingues e 12 inteiramente em castelhano.

No conjunto da sua obra, encontramos nada menos que 25 primeiras ocorrências adjectivais castelhanizantes. Em treze dos casos, também as correspondentes formas castelhanas figuram algures na obra e, em dez deles, anteriormente à ocorrência portuguesa. Na lista abaixo, os anos indicam a) o aparecimento da forma na história do castelhano, b) em itálico, o primeiro emprego da forma castelhana em obra vicentina, c) o aparecimento da forma portuguesa nessa obra.

Em Gil Vicente, aparece primeiro a forma portuguesa

1277	moreno	1521	moreno	1518
1393	forastero	1526	forasteiro	1521
1504	fortunoso	1516	fortunoso	1511

Em Gil Vicente, aparece primeiro a forma castelhana

1230	encendido	1525	encendido	1528
1417	oloroso	1502	oloroso	1518
1418	carcomido	1514	carcomido	1533
1425	lindo	1506	lindo	1509
1470	desdichoso	1514	desditoso	1531
1481	bonito	1502	bonito	1511
1488	mulato	1525	mulato	1530
1502	lustroso	1502	lustroso	1512
1508	zote	1509	zote	1523

Nos restantes casos, a forma original castelhana não se acha em texto do dramaturgo. Mas é altamente improvável que lhe fosse desconhecida. Anote-se, acerca de *nevoso*, a leitura errónea do *Vocabulário* de Cunha, onde "nevooso" (do texto trecentista "fazia tempo nevooso, ou escuro") deverá corresponder ao moderno *nebuloso*.

1350	varonil	varonil	1521
1350	colorido	colorido	1531
1350	descabellado	descabelado	1521
1412	dadivoso	dadivoso	1533
1425	corredizo	corrediço	1536
1425	mohino	mofino	1515
1430	amp-, empollado	empolado	1527
1435	nevoso	nevoso	1527
1438	encarnizado	encarniçado	1534
1476	rozagante	roçagante	1521
1485	barato	barato	1511
1487	mestizo	mestiço	1518
1492	airoso	airoso	1527
1492	perro <i>adj.</i>	perro	1511
1493	amancebado	amancebado	1511
1508	castizo	castiço	1527

Este exercício de verificação textual em produtos de autor bilingue será abaixo repetido com Francisco Manuel de Melo. Ele poderia ser feito, igualmente, em Sá de Miranda, Camões ou Rodrigues Lobo. Trata-se, contudo, de constatar o óbvio. De todo o bilingue pode, exactamente, esperar-se que, com redobrada facilidade, transporte para a sua língua materiais da outra, sobretudo se sentidos como expressivos.

Paul Teyssier, o maior estudioso da linguagem de Gil Vicente, fez o levantamento do vocabulário vicentino total, e verificou que nele constam 2740 vocábulos comuns aos dois idiomas, o que perfaz 36% da totalidade desse vocabulário. As palavras só portuguesas somam 48% e as só castelhanas 16%. Se algo de espectacular estas percentagens evidenciam, é a esmagadora presença (quase metade do total) dum vocabulário de raiz galego-portuguesa. Mais tarde, em grandes autores seiscentistas, como Vieira ou Bernardes, esta exclusividade vocabular patrimonial atingirá níveis bem mais modestos.

Tudo, porém, indica que escapou ao eminente investigador francês a influência notória que o castelhano já exercia num escrevente português de inícios de Quinhentos. Repare-se nesta afirmação: "Um português que aprendia o espanhol não adquiria uma língua totalmente estrangeira: apenas submetia a sua própria língua a uma espécie de transposição" (Teyssier 2005: 353). Isto é, um português 'lusitanizava' (termo do autor) o castelhano em que se exprimia. Há alguma verdade nisto. Simplesmente, a 'transposição' inversa, a inserção de materiais *castelhanos* na linguagem do utente português, parece ser-lhe assunto marginal, e o seu exame questão ociosa. O vocabulário de Gil Vicente, escreve Teyssier, "é notoriamente desprovido de hispanismos" (Teyssier 2005: 365). Insiste mesmo: no dramaturgo, "os hispanismos são extremamente raros" (Teyssier 2005: 490).

Sabe-se que, quando publicou *La langue de Gil Vicente*, em 1959, Paul Teyssier não dispunha dos meios de investigação que mais tarde se tornaram acessíveis. Mas convém lembrar, também, que os investigadores estrangeiros sempre se mostraram cautelosos no sugerir de qualquer tipo de castelhanização do português, porventura receando ferir susceptibilidades portuguesas e brasileiras, ao perturbarem a narrativa, a-histórica e essencialista, dum idioma português incontaminado. Abona em favor de Teyssier a lucidez destoutra afirmação: "Não existe, que se saiba, qualquer estudo de conjunto sobre a prática do bilinguismo luso-espanhol" (Teyssier 2005: 351). Não existia então, e durante muito tempo não iria existir.

Contemporânea de Gil Vicente é a publicação, em 1516, do *Cancioneiro Geral*, volumosa antologia poética, organizada por Garcia de Resende. O modelo é, nitidamente, o *Cancionero General* de Hernando del Castillo, aparecido em 1511. O livro de Resende abarca um período que vai de 1449 até à sua época. De alguns autores são incluídas produções em castelhano.

Ao longo de toda a obra, torna-se palpável o fulgor cultural da corte toledana. O contacto com a poesia palaciana de Castela é notório, são explícitos os louvores a Juan de Mena, a Jorge Manrique, a outros poetas castelhanos. Os poetas portugueses lêem avidamente a 'nova poesia' de Castela, e aspiram a recriá-la em casa. Como escreveu Andréa Crabbé Rocha (1949: 82), o Portugal cultural "está sequioso de novidade". A autora alude a "espanholismos voluntários", destinados a "obter certos efeitos de estilo", mas não resta dúvida de que a "funda e fraterna admiração" pelos poetas castelhanos teve resultados menos 'voluntários'. As doze estreias adjectivais abaixo expostas denunciam o íntimo convívio com o castelhano, mas igualmente uma dependência dele. Ela estendeu-se (desnecessário insistir) a outras áreas vocabulares.

A datação de '1516' está, deve dizer-se, longe de rigorosa. Uma estrita cronologia dos textos (hoje talvez impraticável) deveria permitir localizar, no longo período abarcado, a entrada de cada um dos vocábulos em português. Recorde-se que o cast. *escalabrado* virá a tornar-se *des-calabrado*, e que o port. *desmazalado* evoluirá para *desmazelado*.

1246	escalabrado	escalavrado	1516
1250	zarco	zarco	1516
1402	comedido	comedido	1516
1417	desventurado	desventurado	1516
1425	desmazalado	desmazalado	1516
1430	desastrado	desastrado	1516
1445	baldado	baldado	1516
1456	desbocado	desbocado	1516
1463	alteroso	alteroso	1516
1463	malmaridada	malmaridada	1516
1475	embarazado	embaraçado	1516
1482	abrasado	abrasado	1516

5.2. O século XVI (primeira parte)

A limitação do presente estudo ao adjectivo condiciona a percepção do verdadeiro volume de transferências lexicais do castelhano para o português no nosso período. Exemplo dessa distorção é a *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, publicada em 1522. Esta obra do juvenil historiador, formado na corte bilingue de Lisboa, ‘respira’ castelhano, introduzindo em âmbito português vários produtos léxicos de Castela. Simplesmente, só um deles é um adjectivo, *desencantado*. Em importante obra posterior, *Décadas da Ásia*, a área adjectival há-de estar bem mais representada.

A importação de adjectivos apresenta notáveis concentrações nos decénios de 1540 e 1550: nada menos que 28 no primeiro e 30 no segundo. Deve-se isso, decerto, a um considerável aumento da produção escrita, quer na descrição de viagens, quer no relato histórico, quer no teatro. Mas deve-se, concomitantemente, a um indefectível contacto dos interventores portugueses com a escrita castelhana. Alguns deles, como o dramaturgo Jorge Ferreira de Vasconcelos e o poeta Luís de Camões, são mesmo produtores em ambos os idiomas.

Na década de 40, destacam-se o viajante Francisco Álvares e o artista gráfico Francisco de Holanda. O primeiro é autor da *Verdadeira informação das Terras do Preste João*, de 1540. Aí encontramos cinco estreias, sendo uma de tipo formal: a velha forma *desvairado* é substituída pela castelhana *desvariado*.

1335	desvariado	desvariado	1540
1492	guedejudo	guedelhudo	1540
1495	bozal	boçal	1540
1497	desfavorecido	desfavorecido	1540
1499	palaciano	palaciano	1540

Em 1548, aparecem *Da pintura antiga e Diálogos de Roma*, obras de Francisco de Holanda. Aí se encontram as novidades abaixo expostas. Assinale-se que *chato* tem aqui o valor de ‘pouco espesso’, ‘aplanado’. O Dicionário da RAE admite influência galego-portuguesa na evolução do latim *plattus* para *chato*. Se for o caso, estaremos antes perante um galeguismo. Com efeito, o port. *chato* só regressará nos dicionários de Bento Pereira de 1647 e 1697, enquanto o cast. *chato* continuará corrente por todo esse período. A conclusão mais razoável é que *chato* foi, no ensaísta Francisco de Holanda, um tecnicismo tirado ao castelhano. A respeito de *bisonho*, veja-se o comentário feito acima.

1250	nublado	nublado	1548
1444	angustioso	angustioso	1548
1482	barrigudo	barrigudo	1548
1494	chato	chato	1548
1499	incansable	incansável	1548
1517	bisoño	bisonho	1548
1519	rollizo	rolíço	1548
1520	encarecido	encarecido	1548
1526	desproporcionado	desproporcionado	1548

A obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, o mais importante dramaturgo seiscentista português depois de Gil Vicente, proporciona, ela também, numerosas novidades adjectivais. Tal como o seu grande predecessor, é um autor bilingue, com extensas intervenções em castelhano nas suas peças. A primeira delas, *Ulisipo*, data de 1547, tendo sido impressa em 1619. A segunda, *Eufrósina*, é de 1554, e foi publicada em 1561. A terceira, *Aulegrafia*, teve redacção em 1555 e publicação, tal como a primeira, em 1619. Mais tarde, em 1567, sairá o seu *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*. Assinale-se em que o cast. *atulado* se tornará *atildado*. Por sua vez, o cast. *asazonado* vai fixar-se em *sazonado*, o mesmo acontecendo em português pela mão de Vieira.

1305	pensativo	pensativo	1547
1385	asazonado	assazonado	1547
1424	intri(n)cado	intri(n)cado	1547
1490	tramposo	tramposo	1547
1495	matrero	matreiro	1547
1499	descomedido	descomedido	1547
1543	insufrible	insofrível	1547
1545	cerimoniático	cerimoniático	1547
1546	pesaroso	pesaroso	1547
1284	antojadizo	antojadiço	1554
1435	mazorral	mazorral	1554
1525	escaldado	escaldado	1554
1528	atilado	atilado	1554
1528	recatado	recatado	1554
1528	resabido	ressabido	1554
1533	soldadesco	soldadesco	1554
1534	desconversable	desconversável	1554
1386	cabezudo	cabeçudo	1555
1478	arisco	arisco	1555
1501	triguero	triguero	1555
1549	sobrehumano	sobre-humano	1567
1543	recamado	recamado	1567

5.3. O século XVI (segunda parte)

Entretanto, o ano de 1550 assistira às primeiras criações líricas de Camões, sobretudo élogos e elegias. Conhece-se o duradouro apreço do autor pela lírica castelhana, com particular destaque para os quatrocentistas Mena e Manrique e os quinhentistas Garcilaso de Vega e Boscán.

Também em castelhano escreve Camões um bom número de poemas. Um deles, com que remata uma égloga de 1555, é introduzido pelo seguinte convite: "nota e vê, Umbrano, / quão bem que soa o verso castelhano".

Nas primeiras produções portuguesas camonianas, aqui genericamente localizadas em 1550, encontramos:

1252	presuroso	pressuroso	1550
1444	desusado	desusado	1550
1463	condolido	condoído	1550
1487	matizado	matizado	1550
1504	embravecido	embravecido	1550
1508	sublimado	sublimado	1550
1528	sobrehumano	sobre-humano	1550
1537	diamantino	diamantino	1550

As *Décadas da Ásia* do historiador João de Barros são, como dissemos, a sua obra com maior índice de castelhanização. O primeiro volume apareceu em 1552, o segundo no ano seguinte, o terceiro dez anos depois. Remetem-se para comentário anterior os cast. *ajaezado* e *desgustoso* e o port. *mantenedor*.

1411	ajaezado	ajaezado	1552
1467	terreño	terrenho	1552
1490	embutido	embutido	1552
1507	remontado [alto]	remontado	1552
1508	bravío	bravio	1552
1348	montañez	montanhês	1553
1491	anaranjado	alaranjado	1553
1528	amotinado	amotinado	1553
1531	rastrero	rasteiro	1553
1250	mantenedor	mantenedor	1563
1513	desacreditado	desacreditado	1563

A primeira obra lexicográfica portuguesa de fôlego, o *Dicionário Português-Latim*, de Jerónimo Cardoso, surge em 1562. Nele se registam numerosas formas adjectivais não documentáveis em textos anteriores, elas também devedoras ao castelhano. Como foi dito, é altamente provável que boa parte delas já circulasse em usos portugueses, quer oralmente quer na escrita. Outra parte, dificilmente identificável, pode provir do dicionário quatrocentista de António de Nebrija, regularmente reeditado ao longo de Quinhentos, e de que há patentes pegadas no volume de Cardoso. Este material adventício fazia parte da enciclopédia passiva de qualquer português culto, tinha nítida utilidade, além de estar linguisticamente 'bem formado'.

As estreias são: *achacoso*, *adelgaçado*, *ameaçador*, *amodorrado*, *apaziguado*, *apaziguador*, *borracho* ('ébrio'), *carnudo*, *descampado*, *embaidor*, *endemoninhado* (de *endemoniado*, forma que há-de regressar em português), *lanudo*, *madrugador*, *malcriado*, *malogrado*, *narigudo*, *pegadiço*, *piolhoso* (de *piojoso*), *sedento*, *taludo*, *teimoso*.

Publicado em 1570, o *Dicionário Latim-Português* do mesmo Cardoso apresentará ainda *desgraçado* (de *desgraciado*), *entorpecido*, *figadal*, *malsinado*, *peludo* e *remendão*.

No resto de Quinhentos, as concentrações são de menor porte. Luís de Camões estreia, nos *Lusíadas*, de 1572, tão-só duas formas: *enamorado* e *rebelde*. Esta última sucede à medieval *revel*, abandonada (tal como *rebel*) também pelo castelhano. No decurso desses três decénios, destaca-se somente a *Elegjada*, de 1588, de Luís Pereira Brandão, um epígono de Camões.

1384	barbaresco	barbaresco	1588
1430	pujante	pujante	1588
1436	fogoso	fogoso	1588
1442	tremulante	tremulante	1588
1513	empedernido	empedernido	1588
1569	peñascoso	penhascoso	1588

No virar do século, a *História da Vida do Padre São Francisco Xavier*, de João de Lucena, publicada em 1600, documenta novas aquisições.

1385	malsano	malsão	1600
1499	descarado	descarado	1600
1550	encontrado	encontrado	1600
1550	entrañado	entranhado	1600

5.4. O século XVII

No século XVII, o processo que aqui acompanhamos continua, e até se intensifica. Será notória sobretudo a acção de Francisco Manuel de Melo e António Vieira, dois autores cimeiros na centúria. Ambos bilingues, mantiveram contínuo e intenso contacto com a produção castelhana contemporânea.

A primeira concentração de estreias acha-se na *Fastigínia* de Tomé Pinheiro da Veiga, redigida em 1605, mas só dada a público em 1911. O autor, ele também bilingue, descreve aí os acontecimentos sociais que, em Valladolid, acompanharam o nascimento do futuro Filipe IV. A extensa obra contém um número notável de formas pela primeira vez documentadas em português. Remeta-se, neste contexto, para os comentários acima feitos a *renhido*, *bizarro* e *macarrónico*.

1293	encontradizo	encontradiço	1605
1438	azogado	azougado	1605
1453	reñido	renhido	1605
1495	asqueroso	asqueroso	1605
1496	dominguero	domingueiro	1605
1502	malcasado	malcasado	1605
1511	estropeado	estropiado	1605
1543	abultado	avultado	1605
1543	entapizado	entapizado	1605
1550	pícaro	pícaro	1605
1552	bizarro	bizarro	1605
1554	alocado	alocado	1605
1561	encarecedor	encarecedor	1605
1564	macarrónico	macarrónico	1605
1564	remozado	remoçado	1605
1579	enfurecido	enfurecido	1605

Em 1625, aparece a novela *Infortúnios trágicos da constante Florinda*, de Gaspar Pires Rebelo, um eclesiástico com fundas ligações culturais à Meseta. A obra distingue-se, já de si, por um boleio sintáctico marcadamente castelhano, de que se encontrará um paralelo, no final do século, em Manuel Bernardes. Nesse livro encontramos:

1449	desabrido	desabrido	1625
1522	circunvecino	circunvizinho	1625
1529	impensado	impensado	1625
1552	alentado	alentado	1625
1554	atrasado	atrasado	1625
1575	primoroso	primoroso	1625

Igualmente rico em estreias castelhanizantes é o poema *Insulana*, de Manoel Thomaz, de nítida inspiração camonianiana, onde encontramos os adjectivos abaixo. Assinale-se, a propósito de *jovem*, que ainda em 1713 o dicionarista Bluteau redigirá este verbete: "JOVEN. He Castelhana. Vid. Moço".

1250	joven	jovem	1635
1569	apiñado	apinhado [coeso]	1635
1578	forajido	foragido	1635
1586	acrisolado	acrisolado	1635
1589	retumbante	retumbante	1635

Em 1647, nova obra lexicográfica aparece, o *Tesouro da língua portuguesa*, do jesuíta Bento Pereira. Recolhe numerosos materiais nos decénios precedentes, entre eles os adjectivos *abrador*, *arreatador*, *boquiseco* [sic], *cediço* (grafado *sediço*), *desafortunado*, *desapropriado* ('carente'), *desnaturado*, *desregado*, *enternecido* ('condoído'), *fanfarrão*, *melindroso* e *mofador*. Remeta-se, em *desnaturado*, para anterior comentário.

É na década de 1640 que surgem as primeiras obras portuguesas de Francisco Manuel de Melo. A volumosa obra do escritor (um clássico também na literatura espanhola) revela numerosas importações do castelhano. É decerto possível – e isto é válido para o contemporâneo, e igualmente prolífico, António Vieira e, mais genericamente, para todos os autores do período – que nem todas as estreias aqui atribuídas a Melo lhe pertençam factualmente. Muita produção do período não pôde entrar nas presentes contas. Contudo, é dificilmente concebível que algum dos autores não analisados atinja uma tamanha, ou mesmo aproximada, concentração de primeiras documentações. Além disso, a divulgação de que as obras de Vieira e de Melo cedo gozaram, mais o rápido estatuto de 'clássicos', isto é, de modelares, que obtiveram, tudo confere a estas precisas ocorrências, estreias ou não, uma relevância invulgar.

Reúnem-se aqui as formas aparecidas, ao longo do tempo, na obra de Melo. Na Lista final, vêm cronologicamente discriminadas. Sublinhe-se que o port. *desapiadado* se tornou *desapie-dado*. Recorde-se, também, o que a propósito de *lhano*, *carinhoso* e *esdrúxulo* se comentou.

1250	llano	lhano	1666
1260	nubloso	nubloso	1657
1440	desapiadado	desapiadado	1649
1443	perdonable	perdoável	1649
1449	malcontento	malcontente	1649

1496	cariñoso	carinhoso	1651
1528	aseado	aseado	1651
1550	atarantado	atarantado	1666
1550	desprevenido	desprevenido	1656
1550	socarrón	socarrão	1657
1565	novato	novato	1657
1569	inadvertido	inadvertido	1649
1569	incontrastable	incontrastável	1649
1590	invencionero	invencioneiro	1657
1594	disculpable	desculpável	1651
1594	ruidoso	ruidoso	1651
1595	reconocido	reconhecido	1650
1596	esdrújulo	esdrúxulo	1651
1598	indisculpable	indesculpable	1649
1601	zonzo	sonso	1664
1602	innegable	inegável	1666
1603	presumido	presumido	1649
1624	ostentoso	ostentoso	1656
1625	estruendoso	estrondoso	1657
1636	noticioso	noticioso	1654

Uma pesquisa no vocabulário de *Historia de los movimientos, separación y guerra de Cataluña*, de 1645, a mais célebre das obras castelhanas de Melo, mostra o emprego de cinco destes vocábulos antes do seu surgimento em português: *llano*, *ventajoso*, *inadvertido*, *imperceptible* e *noticioso*. É uma demonstração mínima, decerto dentro do estatisticamente esperável, mas sugere que uma busca em toda a vasta produção castelhana de Melo anterior a 1649 se revelaria elucidativa.

O contemporâneo António Vieira, pregador jesuíta, considerado o mais importante escritor de Seiscentos, e um dos autores de topo da literatura portuguesa, assinou, ele também, um bom número de ocorrências não antes documentadas. Vieira escrevia correntemente em castelhano, tendo vertido para este idioma vários dos seus sermões. A publicação integral, em curso, da obra de António Vieira (dirigida por José Eduardo Franco e Pedro Calafate) irá permitir uma mais esclarecedora prospecção. Na lista abaixo, remeta-se para comentários anteriores sobre *assombroso*, *entretenido*, *hediondo*, *lastimável* e *sazonado*.

1250	triple	triple	1670
1429	sazonado	sazonado	1652
1449	hediondo	hediondo	1653
1470	lerdo	lerdo	1655
1471	cabal	cabal	1652
1494	entretenido	entretenido	1665
1512	desvanecido	desvanecido	1669
1550	jactancioso	jactancioso	1652
1550	lastimable	lastimável	1667
1561	desacertado	desacertado	1675
1561	desprendido	desprendido	1655
1569	arrojado	arrojado	1664
1589	disparatado	disparatado	1672

1594	deslucido	desluzido	1665
1598	valentón	valentão	1646
1605	interesante	interessante	1672
1617	apadrinado	apadrinhado	1665
1617	rematado	rematado	1640
1624	asombroso	assombroso	1652
1629	aparatoso	aparatoso	1648
1641	explayado	espraiado	1654
1662	acomodaticio	acomodatício	1669

De outro autor clássico, Manuel Bernardes, conhecemos a grande familiaridade com a produção mística espanhola da época, que cita abundantemente. Em duas das suas obras encontramos as estreias abaixo. O cast. *reprehensivo* tornou-se, como anotado acima, *repreensivo*.

1322	cuantioso	quantioso	1696
1499	arrimadizo	arrimadiço	1696
1530	reprehensivo	repreensivo	1696
1605	milagrero	milagreiro	1696
1650	engañadizo	enganadiço	1696
1520	embriagado	embriagado	1706
1543	manirroto	manirroto	1706
1590	horroroso	horroroso	1706
1619	anticuado	antiquado	1706

Tem aqui especial interesse a novela *Serão político*, de Lucas de Santa Catarina, aparecida em 1704, mas redigida muito provavelmente na década de 1680. As estreias não são impressionantes: *chistoso*, *montaraz*, *nacarado*. Notável é, sim, o vasto emprego de formas de introdução seiscentista, portanto recentes, como são *alentado* ('volumoso'), *alvorçado*, *aparatoso*, *desabrido*, *desculpável*, *desvanecido*, *entretenido*, *estrondoso*, *galhardo*, *impensado*, *presumido*, *primoroso*. Ajuntem-se outras, contemporâneas do volume: *assustado*, *balbuciente*, *quantioso*, *repreensivo*. Tudo isto sugere uma rápida divulgação das novas aquisições.

5.5. Dois dicionários

No virar para Setecentos, surgem duas obras lexicográficas importantes: a nova edição do *Tesouro* de Bento Pereira, agora apelidado *Prosódia*, de 1697, e o monumental *Vocabulário Português e Latino* de Rafael Bluteau, oito volumosos tomos publicados entre 1712 e 1721, com dois de *Suplemento* em 1721 e 1728. Podemos supor, com base nas 'licenças', que a obra ia adiantada já nos primeiros anos do século.

Em Pereira achamos notícia de *aflitivo*, *agonizante*, *balbuciente* (de *balbuciente*, a forma que o autor adopta), *campanudo*, *capitoso*, *deslumbrado* ('perplexo'), *despiadado* (de *despiadado*), *escarpado*, *gaiteiro*, *galhofeiro*, *labrego*, *patarateiro*, *sonhador* adj.

Na obra de Bluteau, encontram-se *altaneiro*, *acorde* adj., *altaneiro*, *careiro*, *chorão* (de *llorón*), *chulo* adj., *divisório*, *estimulante*, *ganancioso*, *gangoso*, *guapo*, *imprevisto*, *ossudo*, *pantansoso*, *perdulário*, *pundonoroso*, *respondão*, *ressabiado* (com grafia *resabiado*), *vibrante*. Veja-se, acima, o apontamento sobre *ossudo*. Recorde-se que os franceses *stimulant* e *vibrant* são posteriores, aparecendo respectivamente em 1752 e 1747.

Referências bibliográficas fornecidas por Bluteau permitem localizar as ocorrências anteriores portuguesas de alguns desses vocábulos. Trata-se de obras de que não consegui tomar conhecimento directo. Obtidas as datações delas, o resultado é este:

1348	altanero	altaneiro	1616
1447	acorde <i>adj.</i>	acorde	1702
1476	gangoso	gangoso	1668
1482	resabiado	ressabiado	1679
1490	pantanoso	pantanoso	1644
1587	vibrante	vibrante	1623
1624	estimulante	estimulante	1687

Também para *pundonoroso* há em Bluteau uma referência, mas ilocalizável. O lexicógrafo refere "certo poeta em um romance", de que cita: "Com tudo não folguey muyto / De a ver tão pundonorosa. / Porque sey que quem se obriga, / Às vezes se desafora".

No atinente a *guapo*, lemos: "GUAPO. Em phrase castelhana, é aquelle que ostenta valentia, com insolencia." E no verbete seguinte: "Guapo. Commumente se diz de hu moço, que affecta bizarras no traje". É dado, sem outra referência, o exemplo de "Andas muy guapo", que se entende ser português.

Tudo isto sugere que mais aturados exames conduzirão a datações sempre mais precisas, isto é, recuadas, das formas que só achamos dicionarizadas. Ao mesmo tempo, assim se constata, esse recuo não impugna a genérica anterioridade das formações castelhanas.

No decorrer de Setecentos, o aproveitamento do castelhano iria presseguir. Aparecem documentados, entre outros, *atendível*, *cortante*, *desatento* (adj.), *desonroso*, *enfermiço*, *entrelaçado*, *garboso*, *pateta* (de *pateta*, 'deformado das pernas'), *sombreado* e *taxativo*. No final do século, em 1789, publica-se o grande *Dicionário* Morais, onde serão incluídos *abismado*, *ascoroso* (o castelhano já caíra em desuso), *alquebrado* (de *aliquebrado*), *alumbrado*, *anejo* (de *añejo*), *apiadado* (também *apiadado*), *avassalador*, *borrascoso*, *desarvorado* (de *desarbolado*), *esperançoso*, *irmanado* (de *hermanado*), *malbaratado*, *ondeante*, *rechinante*, *repolhudo*, *ressequido*, *resvaladizo* (de *resbaladizo*) e outros, como *assustador*, que o castelhano não conservou. No século XIX documentam-se *acolorado*, *acerado*, *aficionado* (em Fialho de Almeida, como também *envolvente* e *saleroso*), *amistoso*, *assustadiço*, *burdo*, *cavalheiresco* (de *caballeresco*), *chilro* (de *chirle*), *correntio*, *deslumbrante*, *desbordante*, *enfermiço*, *ensurdecedor* (de *ensordecedor*), *ensimesmado* (de *ensimismado*), *envolvente*, *esplendoroso*, *fragoroso*, *fronteiriço*, *garrafal*, *imerecido*, *impagável*, *inquebrantável*, *inseguro*, *politiqueiro*, *precavido*, *raiano*, *rebuscado*, *semanal*, *senhorial*, *soez* (um arabismo castelhano), *tocaio* e *ultrajante*. Já no século XX achamos *abarcável* (e *inabarcável*), *adelgaçante*, *ambiental*, *comprovável*, *consabido*, *deslizante*, *despistado*, *desvanecedor*, *englobante*, *estudantil* (de *estudiantil*), *impactante*, *inalcançável*, *inolvidável*, *islenho*, *nortenho*, *olvidadiço*, *patranheiro*, *presumível*, *transfronteiriço*, *tremendista*, *vislumbrável* e *zaragateiro*. O português brasileiro adoptou também *exitoso*, *peligudo* e *tocaio*.

6. ALGUNS DOMÍNIOS PECULIARES

6.1. Combinações adjectivais

Citou-se acima a combinação *olhos arrasados* (de *lágrimas*), decalcada em *ojos arrasados* (de *lágrimas*). Várias outras sequências castelhanas desse tipo passaram ao português:

accidente aparatoso	acidente aparatoso
cuero cabelludo	couro cabeludo
discusión acalorada	discussão acalorada
fe inquebrantable	fé inquebrantável
infancia desvalida	infância desvalida
letra garrafal	letra garrafal
noche cerrada	noite cerrada
ojos rasgados	olhos rasgados
salida airosa	saída airosa
voz embargada	voz embargada

A documentação portuguesa destas sequências data predominantemente do século XIX. Esta circunstância não é, em si, estranha, pois também as próprias criações castelhanas são, quase todas, pouco anteriores. O que decerto espanta é facilidade com que, em época tão recente, essas formações passaram a usos portugueses.

6.2. Algumas variantes

No decorrer do nosso período, surgiram, também por arrastamento do castelhano, algumas variantes de soluções já estabelecidas no idioma. Essas variantes gozaram de certa circulação, mas acabaram por desaparecer. Examinemos alguns exemplos.

No castelhano medieval, existia, a par do predominante *sabroso*, a forma secundária *saboroso*. Esta, mais achegada ao lat. *saprosus*, era a única existente no português, se excluirmos duas passagens da tradução da *General historia*. Ora, em inícios do século XVI, começam a surgir em originais portugueses as formas *sabroso*, *sabrosa*. Em 1517, Gil Vicente escreve, numa fala portuguesa: "Que sabroso arreçar!" e, em 1533, Sá de Miranda: "Oh! graça, oh! sabroso acontecimento". Haverá ainda algum uso da forma, que aparecerá até no *Dicionário* de Cardoso de 1570, embora não como verbete. A última ocorrência conhecida dá-se em 1635, na *Insulana* de Manoel Thomaz.

É também no Cardoso de 1570 que encontramos *desgraçado*, adaptação do cast. *desgraciado*. Mas em dois castelhanizantes seiscentistas surge *desgraciado*. Na sua *Florinda*, Gaspar Rebelo escreve: "Tratei de escolher do mal o menos e se antes amante desgraçado do que marido pontado". E Melo na *Epanáfora política*: "A sorte que tu levas nam leva ruim geito de te fazer pouco desgraçado".

Cite-se também *agotado*, como variante de *esgotado*, que figura nas duas edições referidas do Bento Pereira (1647 e 1697). Isto significa que teve alguma circulação. Com efeito, o Cardoso de 1562 incluía *agotar*. E o Moraes de 1789 há-de incluir ainda tanto *agotar* como *agotado*.

Em terreno já semântico, cite-se *roxo*, que em começos de Quinhentos aparece traduzindo o cast. *rojo* (frequentemente grafado *roxo*). Assim, nesse século, fala-se quase sempre no *Mar Roxo*, sendo *Mar Vermelho* uma raridade. O que é tanto mais estranho quanto o castelhano, usando *Mar Rojo*, dava preferência a *Mar Bermejo*. Por 1620, nas suas *Centúrias*, ainda Roboredo traduz "las hachas roxas" por "as tochas roxas", embora verta "el temperamento del roxo" adequadamente por "o temperamento do ruivo".

6.3. Importações sem futuro

No meio de tão numerosas importações, não faltam os casos sem sequência. Sendo, em si mesmos, outras tantas demonstrações da dependência do castelhano, revelam-se particularmente eloquentes ao serem formas que, na sua maioria, também no idioma de origem não deitaram fundas raízes. Isto sugere que a sorte das importações continuava ligada ao produto original.

Dos vocábulos abaixo, o *Dicionário Houaiss* só conhece *pobrete* e o Porto Editora só *inumeroso*. A ordenação cronológica segue, aqui, as ocorrências portuguesas.

1263	parcionero	parcioneiro	1488
1528	levantisco	levantisco	1552
1425	logical	logical	1554
1414	congojoso	congoxoso	1562
1534	innumeroso	inumeroso	1573
1550	lobino	lobino	1573
1582	tremante	tremante	1588
1494	palaciego	palaciego	1605
1565	pobrete	pobrete	1606
1492	huidor	fugidor	1619
1549	boquituerto	boquitorto	1651
1579	manido	manido	1697

7. ANTERIORIDADES PORTUGUESAS

Existem no castelhano formas que tiveram ocorrência portuguesa anterior. Em alguns destes casos, a dependência por parte do castelhano afigura-se mais que provável. Estamos, então, perante *lusismos* no idioma de Castela. Para que isso se confirme, não basta, porém, obviamente, a anterioridade. Como no caso dos castelhanismos do português, são decisivos também o ambiente em que a forma surge e a frequência e concentração que ela apresenta nos dois idiomas.

Estas condições satisfazem-se em *mimoso*. A primeira atestação portuguesa dá-se num manuscrito quatrocentista, uma tradução de obra francesa. O vocábulo é já usual em inícios de Quinhentos, sobretudo em Gil Vicente. Só depois surgirá em castelhano, numa peça de Diego Sánchez de Badajoz ("que para el chico y mimoso porqu'és matrero y hermoso"), datável de 1525 a 1547, e só lentamente se irá implantar.

O caso de *pasmoso* é menos nítido. Aparece no *Cancioneiro* de Resende, de 1516, reaparece fugazmente na lírica inicial de Camões e é dicionarizado por Cardoso em 1562. Durante os dois séculos seguintes, a sua existência é quase só lexicográfica. Em castelhano, *pasmoso* emerge em 1625 num panegírico de Hortensio Paravicino ("las divisiones pasmosas del Mar Bermejo") e pouco depois em Tirso de Molina ("¿Quién eres que, todo luz, tan pasmoso estrago has hecho?"). Também em castelhano o progresso é lento. Mas uma influência portuguesa é mais que admissível, e a intervenção do lusófilo Tirso sustenta-o.

De *ardil* ('astúcia'), neologismo português quatrocentista, formou-se *ardiloso* ('astucioso'), corrente em português a partir do século XVI. O substantivo cast. *ardil* surge só em 1503, e o cast. *ardiloso* é de cerca de 1778. Esta forma, que pode ser subsidiária da portuguesa, tem uso documentado na Argentina, no Peru e na Colômbia.

Provável lusismo, mas não um caso de sucesso, é *bonanzoso*. A existência do port. *bonanzoso* é atestada desde 1547, numa peça de Ferreira de Vasconcelos. Usa-o Camões num soneto de data indeterminada. Até ao século XIX é de uso raro, não obstante os léxicos o incluírem. Aparece em castelhano em 1575 num poema de Jerónimo Bermúdez ("que qual fortuna graue tras calma bonanzosa"), mas o *Diccionario* da RAE só o admite em 1925. Também *alagadiço* figura em 1508, no *Códice Valentim Fernandes*, antes de *alagadizo*, em obra de Antonio de Torquemada, de 1570, e igualmente destinado a pouca fortuna.

A forma *indefensável* estreia-se num livro de Fernão de Queirós, de 1689 (a referência é de Bluteau). Em 1726, achamos o cast. *indefensible*, no *Teatro crítico universal*, do galego Benito Jerónimo Feijóo, de que se conhecem leituras portuguesas. Mas a forma não tem grande futuro, acabando substituída por *indefendible*. Certo é que o francês *indépendable*, que data de 1663, não inspirou castelhanos nem portugueses.

A forma galego-portuguesa *carrancudo*, que encontramos em Gil Vicente, numa peça de 1527, emerge no castelhano em 1605 em *La pícaro Justina*, de Francisco López de Úbeda ("más tieso y carrancudo que si hubiera desayunándose con seis tazones de asador"). O *Diccionario de Autoridades* inclui o vocábulo em 1729, o mesmo fazendo até hoje o da RAE. O seu uso conservou-se, porém, sempre residual.

Um caso de difícil determinação é *envilecido*. Há uma primeira ocorrência num livro de António Pinheiro de 1541. Nessa época, redigia Bartolomé de las Casas a sua *Apologética historia sumaria*, onde o vocábulo também figura. A forma portuguesa só regressará na pena de Francisco Manuel de Melo, enquanto a castelhana tem já em Quinhentos alguma circulação. Dependência, se a houver, dificilmente será do lado castelhano.

Outra situação dúbia. Do castelhano, o português recebeu *airoso* e *desaire*. Uma forma como *desairoso* parecia, pois, óbvia, e o português criou-a. Encontramo-la em 1548 em livro de Francisco de Holanda e, pouco depois, no dicionário de Cardoso (junto com *desairosamente*). Todos os dicionários seguintes a incluem. Enquanto isso, uma forma castelhana só aparece registada, em finais do século XIX, em textos do Peru. O *Diccionario* da RAE nunca a admitiu. É certo que modernos dicionários galegos, como o da RAG e o de Galaxia, registam *desairoso*, com igual correspondente castelhano. Dele existe, de facto, alguma circulação actual. Mas nada permite estabelecer ligação directa à criação portuguesa.

E há casos de possível perversão estatística: o vocábulo português surge primeiro, mas constitui, na realidade, uma 'primeira ocorrência' castelhana. Assim, na antologia poética de Resende, de 1516, aparece *vingativo*, enquanto *vengativo* só em 1528 se estreia. Mas a forma portuguesa tem uso esporádico em Quinhentos, e só na pena de Barros e de Camões, quando a castelhana logo patenteia grande difusão: nada menos que 140 ocorrências nesse século. Isto, somado ao teor castelhanizante do *Cancioneiro* e dos dois autores portugueses, leva a supor que o surgimento de *vingativo* em 1516, numa obra portuguesa caracteristicamente bilingue, é uma mera singularidade estatística, sendo a factual primeira notícia do cast. *vengativo*. Semelhante é o caso de *agigantado*, que figura na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (m. 1583), emergindo em castelhano no *Romancero* de Gabriel Lobo Lasso de la Vega, de 1587. Contudo, não só a distribuição castelhana subsequente do vocábulo mostra patente regularidade, como ele regressa em português em autores de nítida pena castelhanizante.

Antes do período aqui estudado, o idioma de Castela importara uma forma galego-portuguesa, *despejado*, excepcionalmente bem-sucedida. Em épocas mais recentes, afloraram em castelhano os galego-portugueses *saudoso* e *soturno*, sobretudo na pena de autores galegos como Emilia Pardo Bazán ("recordó todo el saudoso ayer"), Gonzalo Torrente Ballester ("Don Annibal Mario se mostraba especialmente saudoso") ou Ramón del Valle-Inclán ("recogiéndose en su gesto soturno") e em traduções de romances de José Saramago. Na realidade, *saudoso* e *soturno* não passam, no castelhano actual, de cultismos especializados.

Em suma: enquanto centenas de criações adjectivais castelhanas, importadas para o português no período aqui estudado, são nele hoje correntes, só duas formas de segura origem portuguesa, *mimoso* e *pasmoso*, conseguiram em castelhano um êxito perdurável. Longe da apropriação, sistemática, duradoura e volumosa, de adjectivos castelhanos pelo português, o acolhimento de lusismos adjectivais pelo castelhano foi um fenómeno raro, desconexo e altamente aleatório.

8. UM PORTUGUÊS CRIATIVO

8.1. Importar e prosseguir

A criação de *desairoso* – se a forma for, como parece, de feitura original portuguesa – é só um exemplo duma deriva autónoma a partir de materiais provindos do castelhano. Passaremos outros casos em revista, destacando primeiro as formas originadas em verbos, depois em substantivos e por fim no que eram já adjectivos.

O cast. *asombrar*, mais os seus derivados *asombrado* e *asombro*, passaram ao português. E foi neste idioma que se criaram os antónimos *desassombrar* ('serenar', 'desanuviar'), *desassombrado* ('ousado', 'valente') e *desassombro* ('franqueza', 'frontalidade'). Três outros verbos provenientes do castelhano deram azo a adjectivos no português: de *aviltar* fez-se *aviltante*, de *bruxulear* (do cast. *brujular*) fez-se *bruxuleante*, de *escaldar* fez-se *escaldante*.

O substantivo *façanha* (duma antiga forma de *hazaña*), que entrou acompanhado de *façanhoso*, deu origem à novidade *façanhudo*. Do mesmo modo, as importações *amargura*, *escapatória*, *modorra* e *ternura* originaram *amargurado*, *escapatório* ('tolerável, apesar de imperfeições'), *modorrento* e *ternurento*. Um caso mais invulgar: a forma ditongada *faina* (de *faena*) deu origem a *afainar-se* ('trabalhar afincadamente'), donde proveio *afainado*. E há criações inteiramente abruptas: do cast. *prisión* gerou-se, sem qualquer intermediação, o português *prisional*, e do cast. *rechoncho* construiu-se directamente *rechonchudo*.

Do latinismo *propósito*, o castelhano engendrou *despropósito*. Este passou ao português, tal como o adjectivo *despropositado*. Com aceitável lógica, o português desfez a negação, criando *propositado* ('intencional'). Por fim, atente-se em *barulhento*, criado de *barulho*, proveniente de *barullo*, que o castelhano havia formado do galego-português *marulho*. (A ligação de *barulho* a um suposto **embarulho*, que derivaria de *involucrum*, é especulativa).

Bastante menos vulgares são os casos de *sovina*, 'avaro', adjectivação do castelhanismo *sovina*, 'torno de madeira', e de *alonso*, 'tolo', 'atardado', do antropónimo castelhano *Alonso*.

Escusado sublinhar que o castelhano muito pouco proveito tirou desta criatividade vizinha, se proveito houve. Talvez o argentino e uruguaio *pachorriento* deva alguma coisa ao port. *pachorrento*, presente no Moraes de 1789 e derivado do castelhanismo *pachorra*. Em matéria de transferências, a assimetria manteve-se, como sempre, descomunal. Não estamos, pois, perante nenhum 'intercâmbio', como secularmente se deu, por exemplo, entre italiano e francês, e antes se trata dum fluxo quase exclusivamente *unidireccional*.

8.2. A adjectivação patrimonial

Como dito acima, os adjectivos patrimoniais abundam exactamente na obra dos quincentistas mais castelhanizantes, como foram Gil Vicente, Jorge Ferreira e João de Barros. Isto sugere que, ao aproveitarem o castelhano, os autores portugueses – estes, e outros – estavam longe de cultivar um pedante estranhamento, e antes percebiam os materiais castelhanos como um *vernáculo*, que eles promoviam, qualquer que fosse a sua concreta fonte. Voltaremos a este ponto.

Os textos quincentistas portugueses contêm um bom número de adjectivos galego-portugueses não documentados anteriormente. Isto significa que eles atravessaram vários séculos de uso oral, ou de documentação escassa ou desconhecida. Assim, nas peças de Gil Vicente, acham-se *idoso*, *macio*, *mexiriqueiro* e *rabugento*. Nos ensaios e na história de João de Barros, vemos *acanhado*, *desnecessário*, *lêvedo*, *nojento* e *sobranceiro*. No teatro de Jorge Ferreira de Vasconcelos, achamos *birrento*, *comezinho*, *corriqueiro*, *destemido*, *interesseiro*, *prestadio*, *tedo* ('traíçoeiro'), *vadio* e *vidrento*. Mais dispersamente, documentam-se *engraçado*, *graúdo*, *ingreme* e *sabichoso*.

Outros adjectivos pertencem hoje quase exclusivamente à lexicografia portuguesa, mas pode supor-se que uma parte deles pertenceu ao acervo original galego-português. Em Gil Vicente, encontram-se *brigoso*, *gamenho* ('vadio') e *sorrateiro*. Em Ferreira de Vasconcelos, damos com *aprimorado*, *assomado* ('raivoso'), *bajoujo* ('adulador', 'tolo'), *cansativo*, *desamorável*, *desengraçado*, *enfadonho*, *escarninho*, *fragueiro* ('rude', 'agreste'), *madraço*, *menineiro*, *praguento* ('maldizente') e *sôfrego*. Dispersos por outros autores de Quinhentos, acham-se *abençoado*, *afervorado*, *agastado*, *arruado*, *bochechudo*, *coercivo*, *demorado*, *desafrontado*, *dorminhoco*, *empanurrado*, *enxovedo* ('idiota'), *estranhável*, *lambareiro*, *pegajoso*, *pechoso* ('obstinado'), *tristonho* e *trôpego*. Destaquem-se, ainda, algumas criações de teor culto: *brônzeo*, *desprezível*, *desumano*, *insofrido* e *opiniático*.

Em Seiscentos e até Bluteau, encontramos ainda as estreias documentais de adjectivos galego-portugueses: *arredio*, *desmiolado*, *esgotador*, *lamacento*, *linguareiro* e *remansoso*. De criação predominantemente portuguesa, e sem atestação num autor determinado, citem-se, nesse mesmo período, *atencioso*, *aturável* (e *inaturável*), *desencontrado*, *esfomeado*, *inesgotável*, *malfazejo*, *metediço*, *tresmalhado* e *trombudo*. Pela sua compleição ilusoriamente latina, indiquem-se à parte *amorável*, *estrepitante*, *insultuoso*, *pernóstico* (modificação de *prognóstico*) e *sorumbático* (talvez dum também autóctone *sombrático*).

Uma prospecção da letra A permite ainda aduzir, no século XVI, *abalizado*, *anafado*, *austinado* (variante do latinismo *obstinado*); no século XVII, *afogueado*, *agourento*, *alvacento*, *arrebicado*; e até Bluteau, *acabrunhado*, *acabrunhante*, *adocicado*, *aluado*.

Parece claro: o português quinhentista e seiscentista possui agilidade para gerar excelentes cultismos, como demonstram criações autóctones do tipo de *amorável*, *atencioso*, *aturável*, *cansativo*, *coercivo*, *desregrado*, *desprezível*, *inesgotável*, *insultuoso*, *requintado* ou *sadio*. Se mais amplamente explorada, essa capacidade teria podido fornecer alternativas para certas importações de Castela. Parece dever concluir-se que a dependência do castelhano foi, com alguma frequência, factor inibitório de criação lexical portuguesa.

9. O CASTELHANO COMO VERNÁCULO

Os dados reunidos nesta pesquisa evidenciam o persistente e estrutural aproveitamento, por parte do português, da produção lexical castelhana. Os factores históricos e sociais que respondem por isso encontram-se bem estudados. No tocante a eles, existe abundante e adequada bibliografia, que consideramos ocioso referir neste estudo linguístico. Entre esses factores estão o longo e íntimo contacto dos portugueses com a escrita de Castela, o bilinguismo da corte portuguesa, a duradoura presença em Portugal de agentes culturais castelhanos (no ensino, na espiritualidade, na música vocal, nos divertimentos), o elevado número de estudantes portugueses em universidades do reino vizinho, enfim, o secular fascínio pela sociabilidade descomplexada e mundana de Castela, um fascínio que se inscreve – vinquemo-lo – no pendor cosmopolita português.

Factores deste tipo foram bem expostos por Pilar Vázquez Cuesta, que sublinha "o lento e progressivo processo de interdependência económica e de castelhanização cultural" iniciado no século XV, e mais exactamente em 1479, aquando dum tratado de paz com Castela, que viabilizou, não sem paradoxo, uma "forte penetração da língua e da cultura castelhanas" no centro do poder e na cidadania portugueses (Vázquez Cuesta: 1988: 8-10). Tudo quanto fosse castelhano, do vestuário à linguagem, iria, desde então, tornar-se moda em Portugal.

Nesse estado de coisas, o domínio filipino, de 1580 a 1640, nada de essencial veio modificar num panorama castelhanizante já saturado. Podemos, sim, assumir que novos ou antigos

materiais castelhanos foram, com acrescida facilidade, postos em circulação através dos textos *teatrais* que companhias castelhanas traziam diariamente, e ao vivo, a um país inteiro. Entre esses textos nunca faltaram os de autores portugueses. Estudos mais detidos poderão confirmar esta contribuição do teatro.

São factores, todos eles, importantes, mas da ordem dos condicionamentos externos. Outros factores existiram, de carácter propriamente intrínseco, e porventura mais decisivos. Eles agiram no íntimo do sujeito bilingue, na sua competência linguística, aí onde o castelhano mais eficazmente produzia os seus efeitos.

Entre 1480 e 1720, todo o português culto tinha à disposição numerosos materiais lexicais castelhanos que dominava, por vezes muito bem. Eram vocábulos expressivos, úteis, e sobretudo prontos-a-usar, dada a sua genérica 'boa conformação'. Não era, pois, de admirar que, na escrita portuguesa, se dessem contínuas interferências dum idioma bem interiorizado e francamente convidativo. Eram interferências, também, que passavam, do modo mais natural, despercebidas. Na competência lexical do utente português, sobretudo se bilingue, acabavam por criar-se áreas de transição, mais ou menos vastas, em que os dois idiomas eram dificilmente distinguíveis.

Não é tudo, ainda. Uma resistência ao castelhano revelou-se sempre marginal, e portanto ineficaz. Os motivos são vários. Primeiro, o idioma de Castela era prestigioso, e, mais que isso, prestigiante. Depois, reinava em mentes portuguesas a convicção da inerente superioridade do idioma vizinho, não obstante as juras em contrário que a correcção política ditava (Venâncio 2013b). Determinante era, também, a experiência – já acima referida – do castelhano como *vernáculo*, isto é, um acervo de autenticidade expressional, em propriedade comum. Poucas palavras um utente português médio acharia mais 'legitimamente portuguesas' que *airoso* ou *castiço*. Importa insistir: para a esmagadora maioria dos utentes da época, escritores ou não, o aproveitamento do castelhano estava longe de ser opção consciente, e menos ainda correspondia a qualquer 'programa' castelhanizador.

A proximidade única experimentada face ao castelhano denuncia-se na conhecida caracterização que, em *Corte na aldeia*, de 1619, Rodrigues Lobo faz do português: "Tem de todas as línguas o melhor: a pronúncia da Latina, a origem da Grega, a *familiaridade* da Castelhana, a brandura da Francesa, a elegância da Italiana".

Anote-se que, ainda no nosso tempo, a percepção do castelhano como vernáculo tornou invisível ao observador português a crescente castelhanização da escrita ficcional de José Saramago (Venâncio 2013a). Nessa escrita, pudemos assistir-se, em tempo real, ao exacto processo acima descrito: o dum castelhano disponível, e demasiado convidativo para ser rejeitado. No que aqui nos ocupa, encontramos no ficcionista Saramago adjectivos inexistentes em português como *causante*, *esperançador*, *sudoroso* e *urgido* (por *apressado*). A par destas novidades, outros castelhanismos, hoje de fraca circulação, são reavivados, como *desgarrador* ('lancinante'), *encendido*, *pontilhoso*, *previsor*, *rompível* ('quebrável'), *sobrante* e *valeroso*.

Antes de Saramago, já outros vernaculistas revelavam um pendor castelhanizante. Estão entre eles os oitocentistas António Feliciano de Castilho e Fialho de Almeida ("A língua espanhola tem para mim um prestígio e uma música que me não canso de ouvir e de gostar") ou um mais recente Miguel Torga. O patente nexos entre objectivo *castelhanismo* e subjectivo *vernáculo* merece um mais detido exame. Ele poderia esclarecer que mecanismos comandam essa experiência portuguesa duma continuidade intrínseca entre os dois idiomas.

10. UM PROBLEMA CULTURAL

Este artigo quis mostrar, num terreno concreto, o do adjectivo, como um processo de transferência lexical se desenvolveu ao longo de séculos, e de modo consistente, perpetuando nos usos portugueses um grande número de materiais um dia criados por Castela. Tudo se passou na mais inteira boa consciência, sem pruridos patrióticos nem mútuas recriminações. Com naturalidade, o português modernizou-se em castelhano.

Poderá lamentar-se que o exemplo da criatividade castelhana não tenha inspirado uma mais intensa criação autóctone, estimulando uma via 'diferencialista' semelhante àquela que, mais tarde, o galego iria tomar. É um lamento compreensível, mas inadequado. O diferencialismo galego nasceu duma experiência do castelhano como *ameaça* ao próprio idioma. Em Portugal, exceptuada alguma ocasional retórica, nunca semelhante ameaça foi sentida. Assim se explica a ausência de qualquer esforço *explícito* para afastar o português do castelhano. A convicção de estar o português a uma distância 'segura' do castelhano, mais a factual experiência do idioma vizinho como legítimo vernáculo, e até a ilusória impressão de ser o português a influir no castelhano (Venâncio 2013b), tudo isto frustrou a simples formulação duma 'opção autóctone'. De resto, ela exigiria a percepção, mesmo que incipiente, dos processos que se desenrolavam, uma percepção que jamais existiu. E compreende-se. Como noutra lugar lembrei, a castelhanização do português foi tão gradual que se tornou invisível.

A historiografia linguística portuguesa ignorou sempre esta inteira problemática, e, também ela na melhor consciência, prossegue a narrativa eufórica dum português 'resistente' ao castelhano. Assim, Telmo Verdelho, o mais conhecido lexicólogo português da actualidade, enxerga em Seiscentos uma "resistência à força centrípeta do castelhano" e apresenta Vieira, Melo e Bernardes como guarda avançada duma "autonomia da língua portuguesa, bem radicada já nos séculos anteriores, mas perigosamente rivalizada durante o sexagénio da monarquia dual" (Verdelho 2012: 14). É nítida a falta de contacto com a realidade *linguística*. O autor não é, de resto, o único a circunscrever à época filipina o 'perigo' castelhano para o idioma. Como pudemos observar, o período 1580-1640 não se distingue essencialmente do anterior ou do imediatamente posterior na relação com o idioma vizinho.

Não resta dúvida: o comportamento linguístico português dos 250 anos aqui examinados levanta um problema *cultural* de invulgar dimensão. Primeiro, e dum ponto de vista histórico, impõe-se entender como foi que uma explícita rejeição política de Castela pôde conviver com a descomplexada adesão aos seus hábitos conviviais e linguísticos. Segundo, e do ponto de vista actual, importa perceber como pôde escapar à observação dos historiadores uma secular e tão sistemática dependência portuguesa do castelhano.

Para que os portugueses se sentissem confortáveis, ao longo de séculos, com a proximidade dos dois idiomas, várias razões contaram, entre elas alguns mal-entendidos. Tiveram aí um papel a ilusão de estar o português a latinizar-se, mais a convicção de se manejarem materiais vernáculos, 'próprios' pelo simples facto de existirem. Terá sido também decisiva a experiência, euforizante, de que o idioma assim se *modernizava*. Há-de ter pesado, igualmente, o diminuído prestígio de que gozavam as soluções patrimoniais, mormente as de cepa galego-portuguesa. Existiria, ainda, a confusa noção de que o amparo do castelhano era condição de sobrevivência para o português, ou, mais provavelmente, de que uma *iberização* do português potenciaria a sonhada hegemonia política sobre a Península. Nesse sentido, poderia falar-se duma *dependência activa* em relação ao castelhano, tanto mais aceitável quanto seria 'provisória'. Em paralelo a isso, reinava a impressão, largamente partilhada no período, da imensa 'riqueza vocabular' do português, da "cópia nos vocábulos" (para citar o editor de *Lusitânia transformada*, de Fernão Álvares do Oriente, de 1607), que seria uma das características do idioma. Tudo somado, é nítido

que o esforço, em si meritório, de prestigiar o português o levava por um caminho que, a prazo, mas irrevogavelmente, conduziria à sua satelização face ao castelhano.

Numa abordagem sociolinguística, Fernando Vázquez Corredoira diagnosticou "uma situação de hierarquia linguística", autêntica diglossia mantida por literatos "unilateralmente bilíngues". Existia, até, um sério perigo de colapso do português como língua prestigiada. Diferentemente da diglossia 'latina' medieval, "a do castelhano agia de modo dinâmico, ameaçando o acesso e a conservação da língua portuguesa nas funções formais" (Vázquez Corredoira 1998: 44).

Estava-se, pois, perante um processo que, sendo *colectivo* e grandemente *inconsciente*, era arriscadíssimo. Ele terá sido travado, a tempo, por seis factores actuates desde inícios de Setecentos e, no seu conjunto, decisivos: 1) a desapareição da última geração bilingue, 2) o aumento do prestígio português, graças ao estatuto peninsular da épica de Camões, 3) o juízo do castelhano culteranista como 'extravagante' e 'decadente', 4) a revitalização do património linguístico galego-português, uma vez aliviada a pressão do castelhano, 5) a auto-confiança interna potenciada pelo enriquecimento das classes dirigentes portuguesas devido à expansão colonial, e 6) a deriva cosmopolita rumo ao francês, que veio substituir, como referência prestigiosa, o castelhano (cf. Venâncio 2013b).

11. ANOTAÇÕES FINAIS

Investigações deste tipo contrariam, por modestas que sejam, a aconchegante imagem dum português clássico meritoriamente asséptico, adverso a 'contaminações' que não fossem as do prestigiante latim, e mormente se advindas dum trivial castelhano. Desafiar essa imagem é tarefa ingrata, e contudo necessária, se se quiser encarar, sem subterfúgios, a história do idioma de que os portugueses se orgulham.

A invocação impressionista dum 'criativo espírito português' substituiu, até hoje, a investigação histórica do léxico. O que é muito de lamentar, já que a reivindicação duma *originalidade* portuguesa tem de basear-se em dados verificáveis, e não numa retórica, decerto tranquilizadora, mas mero produto ideológico.

Certo: os portugueses revelaram-se, ao longo dos tempos, estimáveis criadores de produtos lexicais, quer mergulhando no acervo galego-português quer obtendo-os de raiz. Um levantamento desses materiais, também ele nunca empreendido, seria tarefa de sumo interesse.

Não menos relevante é, contudo, o vasto sector adquirido pela exposição a um idioma que gozou de firme implantação e duradouro prestígio na vida portuguesa dos séculos XVI e XVII. A História da Língua deverá integrar esta forte realidade, sem prevenções higienistas nem estados d'alma.

Agradecimentos

O presente trabalho beneficiou das observações e sugestões de três revisores anónimos, a quem fico inteiramente grato. Qualquer erro ou lacuna é da minha exclusiva responsabilidade.

APÊNDICE. ADJECTIVOS CASTELHANOS E PORTUGUESES 1488 - 1728

* = forma comentada no artigo

1387	holgazán	folgazão	1488	Clemente de Vercial, <i>Sacramental</i>
1240	agorero	agoureiro	1489	<i>Tratado de Confissom</i>
1213	denegrado	denegrado	1495	Ludolfo de Saxónia, <i>Vita Christi</i>
1256	menguante	minguante	1495	
1400	sequioso*	sequioso	1495	
1250	tierno	terno	1497	<i>Evangelhos e Epístolas</i>
1259	tardío	tardio	1497	
1280	quebradizo	quebradiço	1497	
1385	grosero	grosseiro	1497	
1412	entrañable	entranhável	1497	
1424	causador	causador	1497	
1430	disforme	disforme	1497	
1437	lucido	luzido	1497	
1450	alcanzable	alcançável	1497	
1336	embargante	embargante	1497	D. Diogo de Sousa, <i>Constituições</i>
1450	tocante	tocante	1498	Rei Manuel I, <i>Cortes portuguesas</i>
1492	desconfiado	desconfiado	1513	Rui de Pina, <i>Crónica de D. João II</i>
1386	macizo	maciço	1502	<i>O Livro de Marco Polo</i>
1349	aciago	aziago	1504	Diogo Ortiz, <i>Catecismo</i>
1469	desmedido	desmedido	1504	
1480	chocarrero	chocarreiro	1504	
1427	encharcado	encharcado	1505-09	<i>Tombos da Ordem de Cristo</i>
1250	salobre	salobro, -e	1508	<i>Códice Valentim Fernandes</i>
1385	deshabitado	desabitado	1513	<i>Flos Sanctorum</i>
1230	encendido [forte]	encendido	1528	Gil Vicente, <i>Teatro, 1502-1536</i>
1236	serrano	serrano	1525	
1250	lindo	lindo	1509	
1277	moreno	moreno	1518	
1350	varonil	varonil	1521	
1350	colorido	colorido	1531	
1350	descabellado	descabelado	1521	

1393	forastero	forasteiro	1521	
1412	dadivoso	dadivoso	1533	
1417	oloroso	oloroso	1518	
1418	carcomido	carcomido	1533	
1425	corredizo	corrediço	1536	
1425	mohino	mofino	1515	
1430	am-, empollado [afectado]	empolado	1527	
1435	nevoso	nevoso	1527	
1438	encarnizado	encarniçado	1534	
1470	desdichoso	desditoso	1531	
1476	rozagante	roçagante	1521	
1481	bonito	bonito	1511	
1485	barato <i>adj.</i>	barato	1511	
1487	mestizo	mestiço	1518	
1488	mulato	mulato	1530	
1492	airoso	airoso	1527	
1492	perro [teimoso]	perro	1511	
1493	amancebado	amancebado	1511	
1502	lustroso	lustroso	1512	
1504	fortunoso	fortunoso	1511	
1508	castizo	castiço	1527	
1508	zote	zote	1523	
1246	escalabrado*	escalavrado	1516	García de Resende, <i>Cancioneiro Geral</i>
1250	zarco	zarco	1516	
1402	comedido	comedido	1516	
1417	desventurado	desventurado	1516	
1425	desmazalado	desmazalado, -zel-	1516	
1430	desastrado [infeliz]	desastrado	1516	
1445	baldado	baldado	1516	
1456	desbocado	desbocado	1516	
1463	alteroso	alteroso	1516	
1463	malmaridada	malmaridada	1516	
1475	embarazado	embaraçado	1516	
1482	abrasado [excitado]	abrasado	1516	
1511	desencantado	desencantado	1522	João de Barros, <i>Clarimundo</i>
1450	desasesado*	desassisado	1528	Sá de Miranda, <i>Estrangeiros</i>
1520	conversable	conversável	1528	
1343	tiznado	tisnado	1532	João de Barros, <i>Ropica pñefma</i>
1456	desgreñado	desgrenhado	1533	Sá de Miranda, <i>Vilhalpandos</i>
1528	sobresaltado	sobressaltado	1533	Samuel Usque, <i>Consolação...</i>
1513	puntiagudo	pontiagudo	1535	<i>Crónica dos Reis de Bisnaga</i>

1438	ceceoso	ceceoso (>cicioso)	1536	Fernão de Oliveira, <i>Gramática</i>
1485	desconforme	desconforme	1538	Rei João III, <i>Cartas</i>
1516	acreditado [credível]	acreditado	1540	João de Barros, <i>Gramática</i>
1335	desvariado	desvariado*	1540	Francisco Álvares, <i>Verdadeira</i>
1492	guedejudo	guedelhudo	1540	<i>Informação das Terras do Preste Joam</i>
1495	bozal	boçal	1540	
1497	desfavorecido	desfavorecido	1540	
1499	palaciano	palaciano	1540	
1430	lastimoso	lastimoso	1545	Garcia de Resende, <i>Dom João II</i>
1305	pensativo	pensativo	1547	Ferreira de Vasconcelos, <i>Ulisipo</i>
1385	asazonado	assazonado	1547	
1424	intri(n)cado	intri(n)cado	1547	
1440	asesado*	assisado	1547	
1490	tramposo	tramposo	1547	
1495	matrero	matreiro	1547	
1499	descomedido	descomedido	1547	
1543	insufrible	insofrível	1547	
1545	cerimoniático	cerimoniático	1547	
1546	pesaroso	pesaroso	1547	
1250	nublado	nublado	1548	Francisco de Holanda, <i>Da pintura</i>
1444	angustioso	angustioso	1548	<i>antiga</i>
1482	barrigudo	barrigudo	1548	
1494	chato	chato [aplanado]	1548	
1499	incansable	incansável	1548	
1517	bisoño	bisonho	1548	
1519	rollizo	roliço	1548	
1520	encarecido	encarecido	1548	
1526	desproporcionado	desproporcionado	1548	
1252	presuroso	pressuroso	1550	Luís de Camões, <i>primeiras élogas</i>
1444	desusado	desusado	1550	
1463	condolido	condoído	1550	
1487	matizado	matizado	1550	
1504	embravecido	embravecido	1550	
1508	sublimado [célebre]	sublimado	1550	
1528	sobrehumano	sobre-humano	1550	
1537	diamantino	diamantino	1550	
1505	encarnado [cor]	encarnado	1551	António Pinheiro, <i>Pregaçam fúnebre</i>
1250	aprovechable	aproveitável	1551-61	Fernão Lopes de Castanheda, <i>História...</i>
1411	(a)jaezado*	(a)jaezado	1552	João de Barros, <i>Década primeira</i>

1467	terreño	terrenho	1552	
1490	embutido	embutido	1552	
1493	artillado	artilhado	1552	
1507	remontado [alto]	remontado	1552	
1508	bravío	bravio	1552	
1348	montañez	montanhês	1553	João de Barros, <i>Década segunda</i>
1453	aportillado	aportilhado	1553	
1491	anaranjado	alaranjado	1553	
1528	amotinado	amotinado	1553	
1531	rastrero	rasteiro	1553	
1284	antojadizo	antojadiço	1554	Ferreira de Vasconcelos, <i>Eufrosina</i>
1435	mazorral	mazorral	1554	
1525	escaldado [receoso]	escaldado	1554	
1528	atilado / atildado	atilado	1554	
1528	recatado	recatado	1554	
1528	resabido	ressabido	1554	
1533	soldadesco	soldadesco	1554	
1534	desconversable	desconversável	1554	
1396	falto	falto	1554	André de Resende, <i>Antiguidade de</i>
1424	desdichado	desditado	1554	<i>Évora</i>
1495	enterizo	inteiriço	1554	<i>Enformação das cousas da China</i>
1492	empinado	empinado	1554	Bernardim Ribeiro, <i>Menina e moça</i>
1386	cabezudo	cabeçudo	1555	Ferreira de Vasconcelos, <i>Aulegrafia</i>
1478	arisco	arisco	1555	
1501	triguero	triguero	1555	
1544	emperrado	emperrado	1555	
1492	desaforado [desregrado]	desaforado	1555	
1525	lloedizo	chovediço	1560	António Tenreiro, <i>Itinerário</i>
1425	malsín	malsim	1561	Gaspar Correia, <i>Lendas da Índia</i>
1437	maldispuesto	maldispuesto	1561	
1560	disgustoso*	desgostoso	1561	
1250	endemoniado	endemoinhado	1562	Jerónimo Cardoso, <i>Dicionário</i>
1260	sediento	sedento	1562	<i>Português-Latim</i>
1275	carnudo	carnudo	1562	
1350	amenazador	ameaçador	1562	
1406	achacoso	achacoso	1562	
1421	malcriado	malcriado	1562	
1425	embaidor	embaidor	1562	
1435	talludo	taludo	1562	
1435	borracho [ébrio]	borracho	1562	
1435	lanudo	lanudo	1562	

1454	aventurero	aventureiro	1562	
1463	narigudo	narigudo	1562	
1492	apaciguador	apaziguador	1562	
1493	pegadizo	pegadiço	1562	
1495	adelgazado	adelgaçado	1562	
1495	apaciguado	apaziguado	1562	
1495	piojoso	piolhoso	1562	
1497	malogrado	malogrado	1562	
1499	mal encarado	mal-encarado	1562	
1514	amodorrado	amodorrado	1562	
1529	madrugador	madrugador	1562	
1529	temoso	teimoso	1562	
1536	descampado	descampado	1562	
1428	polvoroso	polvoroso	1563	Luís de Camões, <i>Ode ao Conde...</i>
1250	mantenedor	mantenedor	1563	João de Barros, <i>Década terceira</i>
1513	desacreditado	desacreditado	1563	
1435	inmutable	imudável	1563-72	Heitor Pinto, <i>Imagem da vida cristã</i>
1561	despropositado	despropositado	1563-72	
1549	sobrehumano	sobre-humano	1567	Ferreira de Vasconcelos, <i>Távola</i>
1543	recamado	recamado	1567	
1536	desvalido	desvalido	1567	Diogo Paiva de Andrade, <i>Sermões</i>
1552	arrojadizo	arrojadiço	1571	
1458	caudaloso	caudaloso	1582	Luís Fróis, <i>Cartas, 1552-1588</i>
1550	ridiculoso	ridiculoso	1567	
1411	castaño (cor)	castanho	1569	Duarte Nunes de Leão, <i>Leis extravagantes</i>
1425	malsinado	malsinado	1570	Jerónimo Cardoso, <i>Dicionário</i>
1435	peludo	peludo	1570	<i>Latim-Português</i>
1480	desgraciado	desgraçado	1570	
1499	figadal*	figadal	1570	
1514	entorpecido	entorpecido	1570	
1547	remendón	remendão	1570	
1250	enamorado	enamorado	1572	Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>
1260	rebelde	rebelde	1572	
1434	espumante	espumante	1572	
1524	depravado	depravado	1573	Gaspar de Leão [Pereira], <i>Desengano de perdidos</i>
1540	abismal	abismal	1573	
1544	afrontoso*	afrontoso	1573	
1496	acendrado	acendrado	1575	Gonçalo Trancoso, <i>Histórias de proveito</i>

1569	trapacero	trapaceiro	1578	Diogo do Couto, <i>Soldado prático</i>
1511	disfrazado	disfarçado	1580	Luís de Camões, <i>Rimas</i> (publ. 1595)
1513	atinado	atinado	1580	
1494	apocado	apocado	1583	Fernão Mendes Pinto, <i>Peregrinação</i>
1548	desanimado	desanimado	1583	
1569	desahogado	desafogado	1583	
1428	indispuesto	indisposto	1586	Luís Fróis, <i>História de Japam,</i>
1493	quebrantable	quebrantável	1586	1586-1594
1542	frondoso	frondoso	1587	
1384	barbaresco	barbaresco	1588	Luís Pereira Brandão, <i>Elegiada</i>
1430	pujante	pujante	1588	
1436	fogoso	fogoso	1588	
1442	tremulante	tremulante	1588	
1513	empedernido	empedernido	1588	
1569	peñascoso	penhascoso	1588	
1484	manantial	manancial* <i>adj.</i>	1589	Amador Arrais, <i>Diálogos</i>
1531	cabizbajo	cabisbaixo	1589	
1542	regalado [deleitoso]	regalado	1589	
1534	boquiabierto	boquiaberto	1594	André de Avelar, <i>Cronografia</i>
1536	colmilludo	colmilhudo	1596	Diogo Bernardes, <i>O Lima</i>
1492	embarazoso	embaraçoso	1597	Bernardo de Brito, <i>Monarquia Lusitana</i>
1500	ajustado [exacto]	ajustado	1597	
1528	compadecido	compadecido	1597	
1250	sangriento	sangrento	1600	Diogo do Couto, <i>Décadas</i>
1475	echadizo	echadiço	1612	
1385	malsano	malsão	1600	João de Lucena, <i>Vida de Francisco</i>
1499	descarado	descarado	1600	<i>Xavier</i>
1550	encontrado [discordante]	encontrado	1600	
1550	entrañado	entranhado	1600	
1553	arrasado*	arrasado	1600	
1535	maniatado	maniatado > -iet-	1601	Bento Teixeira, <i>Prosopopeia</i>
1547	redoblado [mais intenso]	redobrado	1601	
1293	encontradizo	encontradiço	1605	Tomé Pinheiro da Veiga, <i>Fastigínia</i>
1438	azogado	azougado	1605	
1453	reñido	renhido	1605	
1495	asqueroso	asqueroso	1605	
1496	dominguero	domingueiro	1605	
1502	malcasado	malcasado	1605	
1511	estropeado	estropiado	1605	

1543	abultado	avultado	1605	
1543	entapizado	entapizado	1605	
1550	pícaro	pícaro	1605	
1552	bizarro	bizarro	1605	
1554	alocado	alocado	1605	
1561	encarecedor	encarecedor	1605	
1564	macarrónico	macarrónico	1605	
1564	remozado	remoçado	1605	
1579	enfurecido	enfurecido	1605	
1513	tonto	tonto	1606	Duarte Nunes de Leão, <i>Origem da L.P.</i>
1445	señoril	senhoril	1606	Luís de Sousa, <i>Frei Bart. dos Mártires</i>
1565	pobrete	pobrete	1606	
1449	alborotado	alvoraçado, -roç-	1611	Agostinho Barbosa, <i>Dicionário Lusit.-Lat.</i>
1425	creíble	crível	1619	Rodrigues Lobo, <i>Corte na aldeia</i>
1495	gallardo	galhardo	1619	
1592	picaresco	picaresco	1619	
1573	confinante	confinante	1624	Severim de Faria, <i>Discursos</i>
1449	desabrido	desabrido	1625	Gaspar Pires Rebelo, <i>Infortúnios</i>
1522	circunvecino	circunvizinho	1625	<i>trágicos da constante Florinda</i>
1529	impensado	impensado	1625	
1552	alentado [volumoso]	alentado	1625	
1554	atrasado	atrasado	1625	
1575	primoroso	primoroso	1625	
1493	mujeril	mulheril	1634	Sá Meneses, <i>Malaca conquistada</i>
1536	cerdoso	cerdoso	1634	
1596	conceptuoso	conceituoso	1634	
1250	joven	jovem	1635	Manoel Thomaz, <i>Insulana</i>
1569	apiñado [coeso]	apinhado	1635	
1578	forajido	foragido	1635	
1586	acrisolado	acrisolado	1635	
1589	retumbante	retumbante	1635	
1552	desalentado	desalentado	1642	Manuel de Galhegos, <i>Gazeta</i>
1550	inacabable	inacabável	1644	Faria e Sousa, <i>Fonte de Aganipe</i>
1396	arrebatador	arrebatador	1647	Bento Pereira, <i>Tesouro da língua</i>
1450	desnaturado*	desnaturado	1647	<i>portuguesa</i>
1438	mofador	mofador	1647	
1534	fanfarrón <i>adj.</i>	fanfarrão	1647	
1545	desafortunado	desafortunado	1647	
1549	abrasador	abrasador	1647	
1554	desreglado	desregrado	1647	

1555	boquiseco	boquisseco	1647	
1565	cedizo*	cediço	1647	
1570	melindroso	melindroso	1647	
1580	enternecido [condóido]	enternecido	1647	
1583	desapropiado [carente]	desapropiado	1647	
1440	desapiadado	desapiadado,-ied-	1649	Francisco M. de Melo, <i>Epanáfora</i>
1449	malcontento	malcontente	1649	<i>política</i>
1569	inadvertido	inadvertido	1649	
1569	incontrastable	incontrastável	1649	
1598	indisculpable	indesculpável	1649	
1603	presumido [soberbo]	presumido	1649	
1443	perdonable	perdoável	1649	Francisco M. de Melo, <i>Cartas</i>
1595	reconocido [grato]	reconhecido	1650	<i>familiares</i>
1601	zonzo	sonso	1664	
1496	cariñoso	carinhoso	1651	Francisco M. de Melo, <i>Carta de guía</i>
1528	aseado	aseado	1651	<i>de casados</i>
1594	disculpable	desculpável	1651	
1594	ruidoso	ruidoso	1651	
1596	esdrújulo	esdrúxulo	1651	
1495	lampiño	lampinho	1652	Manuel da Costa, <i>Arte de furtar</i>
1636	noticioso [informado]	noticioso	1654	Francisco M. de Melo, <i>Epanáfora</i>
1550	desprevenido	desprevenido	1656	Francisco M. de Melo, <i>Tácito português</i>
1624	ostentoso	ostentoso	1656	
1519	titubeante	titubeante	1656	Brás de Mascarenhas, <i>Viriato Trágico</i>
1604	abatido [deprimido]	abatido	1656	
1645	estrepitoso	estrepitoso	1656	
1260	nubloso	nubloso	1657	Francisco M. de Melo, <i>A visita das</i>
1550	socarrón	socarrão	1657	<i>fontes / Hospital das letras</i>
1565	novato	novato	1657	
1590	invencionero	invencioneiro	1657	
1625	estruendoso	estrondoso	1657	
1614	brutesco <i>adj.</i>	brutesco	1663	Simão de Vasconcelos, <i>Crónica da C.J.</i>
1250	llano	lhano	1666	Francisco M. de Melo, <i>Feira dos anexins</i>
1550	atarantado	atarantado	1666	
1602	innegable	inegável	1666	
1250	triple	triple	1670	António Vieira, <i>sermões e cartas</i>
1429	sazonado	sazonado	1652	
1449	hediondo	hediondo	1653	
1470	lerdo	lerdo	1655	

1471	cabal	cabal	1652	
1494	entretenido	entretenido	1665	
1512	desvanecido	desvanecido	1669	
1550	jactancioso	jactancioso	1652	
1550	lastimable*	lastimável	1667	
1561	desacertado	desacertado	1675	
1561	desprendido	desprendido	1655	
1569	arrojado [intrépido]	arrojado	1664	
1579	insaturable [insaciável]	insaturável	1674	
1589	disparatado	disparatado	1672	
1594	deslucido	desluzido	1665	
1598	valentón	valentão	1646	
1605	interesante [interessado]	interessante	1672	
1617	apadrinado	apadrinhado	1665	
1617	rematado [completo]	rematado	1640	
1624	asombroso	assombroso	1652	
1629	aparatoso	aparatoso	1648	
1641	explayado	espraiado	1654	
1662	acomodatício	acomodatício	1669	
1614	relevante	relevante	1673	Gerardo de Escobar, <i>Cristais da alma</i>
1502	andrajoso	andrajoso	1688	Manuel Fernandes, <i>Alma instruída</i>
1322	cuantioso	quantioso	1696	Manuel Bernardes, <i>Luz e calor</i>
1499	arrimadizo	arrimadiço	1696	
1530	reprehensivo*	repreensivo	1696	
1605	milagrero	milagreiro	1696	
1650	engañadizo	enganadiço	1696	
1440	despiadado	despiadado	1697	Bento Pereira, <i>Tesouro da língua</i>
1448	capitoso	capitoso	1697	<i>portuguesa</i>
1473	aflictivo	aflitivo	1697	
1481	deslumbrado [perplexo]	deslumbrado	1697	
1536	enmarañado	emaranhado	1697	
1547	gallofero*	galhofeiro	1697	
1569	balbuciente	balbuciente	1697	
1573	campanudo	campanudo	1697	
1589	agonizante	agozinante	1697	
1598	escarpado	escarpado	1697	
1627	gaitero [divertido]	gaitero	1697	
1644	pataratero	patarateiro	1697	
1660	labriego	labrego	1697	
1662	soñador <i>adj.</i>	sonhador	1697	
1150	entrometido	intrometido	1698	J. C. Brochado, <i>Cartas</i>
1596	afectado [amaneirado]	afectado	1698	
1624	alambicado	alambicado	1698	
1629	asustado	assustado	1698	

1305	harto <i>adj.</i>	harto*	1704	Lucas de Santa Catarina, <i>Serão político</i>
1492	montaraz	montaraz	1704	
1605	nacarado	nacarado	1704	
1621	chistoso	chistoso	1704	
1520	embriagado	embriagado	1706	Manuel Bernardes, <i>Nova floresta</i>
1590	horroroso	horroroso	1706	
1619	anticuado	antiquado	1706	
1348	altanero	altaneiro	1712	Rafael Bluteau, <i>Vocabulário</i>
1447	acorde <i>adj.</i>	acorde	1712	
1476	gangoso	gangoso	1713	
1490	ganancioso	ganancioso	1713	
1538	divisorio	divisório	1713	
1577	carero	careiro	1712	
1597	llorón	chorão	1712	
1619	imprevisto	imprevisto	1713	
1638	guapo	guapo	1713	

1250	osudo*	ossudo	1720	
1482	resabiado	ressabiado	1720	
1490	pantanososo	pantanososo	1720	
1583	pundonoroso	pundonoroso	1720	
1587	vibrante	vibrante	1721	
1588	perdulario	perdulário	1720	
1610	respondón	respondão	1720	
1624	estimulante	estimulante	1721	
1656	chulo <i>adj.</i>	chulo	1721	
1439	punzante	punçante	1721	Maria do Céu, <i>Relação da vida e morte...</i>
1605	donairoso	donairoso	1728	Nuno Marques Pereira, <i>Compêndio narrativo</i>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lexicografia

- Cardoso, Jerónimo (1562): *Dictionarium ex lusitanicum in latinum*. Lisboa.
- Cardoso, Jerónimo (1570): *Dictionarium latino-lusitanicum & vice-versa*. Lisboa.
- Barbosa, Agostinho (1611): *Dictionarium lusitanico latinum*. Braga.
- Pereira, Bento (1647): *Tesouro da língua portuguesa*. Lisboa.
- Pereira, Bento (1697): *Tesouro da língua portuguesa*. Évora.
- Bluteau, Rafael (1712-1728): *Vocabulário português e latino*. Coimbra-Lisboa.
- Morais, António (1789): *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa.
- Cunha, Antônio Geraldo da (2007): *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (cd-rom).
- González Seoane, Ernesto / María Álvarez de la Granja / Ana Isabel Boullón Agrelo (2006): *Dicionario de dicionarios do galego medieval*. San-

- tiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (cd-rom).
- Houaiss, António / Mauro de Salles Villar (2001): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro.
- Machado, José Barbosa (2010-2013): *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*. <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/dicionario/index.html>
- Machado, José Pedro (1977): *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- Real Academia Española (2001): *Diccionario de la lengua española*, 22ª ed. Madrid.
- Santamarina, Antón (2003): *Diccionario de diccionarios*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza (cd-rom).
- Universidade de São Paulo (USP): *Biblioteca Brasileira Digital*, dicionários. www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario

Corpora

(consultas até Julho de 2013)

- Davies, Mark: *Corpus del español*, www.corpusdelespanol.org/x.asp
- Davies, Mark / Michael J. Ferreira: *O corpus do português*. www.corpusdoportugues.org/x.asp
- Instituto da Língua Galega: *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* (TMILG). ilg.usc.es/tmilg
- Real Academia Española: *Corpus de referencia del español actual* (CREA). corpus.rae.es/creanet.html
- Real Academia Española: *Corpus diacrónico del español* (CORDE). corpus.rae.es/cordenet.html
- Universidade de Aveiro / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: *Corpus Lexicográfico do Português* (DICI). clp.dlc.ua.pt/DIClweb
- Universidade Nova de Lisboa: *Corpus informatizado do português medieval* (CIPM). cipm.fch.unl.pt

Obras utilizadas

não incluídas no *Corpus do Português* de Davies e Ferreira

- Jorge Ferreira de Vasconcelos (1537): *Comédia Eufrosina*, ed. Aubray Bell. Lisboa: Imprensa Nacional, 1919.
- Francisco Álvares (1540): *Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889.
- João de Barros (1540): *Gramática da língua portuguesa*, ed. José Pedro Machado. Lisboa: 1957.
- Jorge Ferreira de Vasconcelos (1547): *Comédia Ulysi-po*. Lisboa: 1619.
- Jorge Ferreira de Vasconcelos (1548-1555): *Comédia Aulegrafia*, ed. António Machado de Vilhena. Porto: Porto Editora, 1968.
- André de Resende (1553, 1576): *História da antiguidade da cidade de Évora*. Évora.
- Heitor Pinto (1563-1570), *Imagem da vida cristã*, ed. M. Alves Correia, 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1952.
- Duarte Nunes de Leão (1569): *Leis extravagantes*. Lisboa.
- Gaspar de Leão [Pereira] (1573): *Desengano de perdidos*, ed. Eugenio Asensio. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1958.
- Luís Pereira [Brandão] (1588): *Elegiada*. Lisboa.
- Diogo Bernardes (1596): *O Lima*, Lisboa. 1820.
- Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus que andão nos Reynos de lapão escreuerão aos da mesma Companhia da India e Europa des do anno de 1549 até o de 1580*. Évora: 1598.
- Ferreira, António (1598): *Poemas lusitanos*, ed. de Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1957.
- Tomé Pinheiro da Veiga (1605): *Fastiginia*, ed. Ernesto José Rodrigues. Lisboa: CLEPUL, 2011.
- Gaspar Pires de Rebelo (1625-1633): *Infórtunios trágicos da constante Florinda*, ed. Nuno Júdice. Lisboa: Teorema, 2005 [ed. completa].
- Francisco de Sá Meneses (1634): *Malaca conquistada*. Lisboa.
- Brás Garcia de Mascarenhas (a. 1656): *Viriato Trágico*. Lisboa, 1846.
- Francisco Manuel de Melo (a. 1666): *A feira dos anexins*, ed. Inocêncio Francisco da Silva [1875], 2ª ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1916.
- Gerardo de Escobar (1673): *Cristais da alma*. Lisboa.
- Manuel Fernandes (1688-99): *Alma instruída na doutrina e vida cristã*. Lisboa.
- Felix de Castanhैया Turacem (pseud. Lucas de Santa Catarina) (1704): *Serão político*. Lisboa.

Estudos

- Dworkin, Steven N. (2002): "La introducción e incorporación de latinismos en el español medieval tardío", in Carmen Saralegui Platero / Manuel Casado Velarde (eds.), *Pulchre, bene, recte. Estudios en homenaje al Prof. Fernando González Ollé*. Pamplona: Eunsa, 421-433.
- Mattoso, José (2000): "Traduções portuguesas de textos castelhanos (séculos XIII a XV)", in Juan M. Carrasco González et al. (coords.), *Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera*, vol. I. Cáceres: Universidad de Extremadura, 21-37.
- Rocha, André Crabbé (1949): *Aspectos do Cancioneiro Geral*. Coimbra.
- Teyssier, Paul (2005/1959): *A língua de Gil Vicente*, ed. de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vázquez Corredoira, Fernando (1998): *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano. O galego como exemplo a contrario*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- Vázquez Cuesta, Pilar (1988): *A língua e a cultura portuguesa no tempo dos Filipes*. Lisboa: Europa-América.
- Venâncio, Fernando (2008): "Lusismos e galeguismos em espanhol. Uma revisão dos dados", *Phrasis* 49, 109-122.
- Venâncio, Fernando (2012): "O espanhol proveitoso. Sobre deverbais regressivos em português", *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. XI, 6-41.
- Venâncio, Fernando (2013a): "José Saramago e a iberização da língua portuguesa", in Burghard Baltrush (ed.), *"O que transformou o mundo não foi uma utopia, foi uma necessidade": Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*. Berlim, Frank & Timme (no prelo).
- Venâncio, Fernando (2013b): "Atitudes portuguesas face ao castelhano", in Eva Guggenberger / Henrique Monteagudo / Gabriel Rei-Doval (eds.), *Contacto de línguas, hibrididade, cambio: contextos, procesos e consecuencias*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Instituto da Língua Galega (no prelo).
- Verdelho, Telmo (2012): "O estudo e a ilustração da língua: o legado da produção metalinguística dos teatinos", in *300 anos do Vocabulário de Bluteau*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.